

OS GOLEIROS QUE MARCARAM ÉPOCA COM A CAMISA TRICOLOR



são paulo

a revista oficial do



Gol histórico

10 ANOS DO MUNDIAL INTERCLUBES



ARTILHARIA PESADA
Reinaldo, Luís Fabiano e Kaká:
os goleadores de 2002

JANETH
Uma superjogadora na
nossa equipe de basquete

Mari Alexandre confessa todo o seu amor ao clube



SEJA VOCÊ TAMBÉM UM SÓCIO TORCEDOR DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE.



ESCOLHA UMA DAS QUATRO CATEGORIAS:

BRONZE

Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio Torcedor e fita de vídeo do SPFC.

PRATA

Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio Torcedor, camisa oficial do SPFC e fita de vídeo do SPFC.

OURO

Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio Torcedor, fita de vídeo do SPFC e camisa oficial do SPFC autografada.

MASTER

Carteirinha, diploma, revista, camisa oficial de Sócio Torcedor, fita de vídeo do SPFC, camisa oficial do SPFC autografada e visita VIP no CCT.

E tem mais: bilheteria exclusiva • sorteios • promoções • descontos em lojas credenciadas
• 50% de desconto nos ingressos de jogos com mando do SPFC.

Para saber mais, acesse o site:



INSCREVA-SE.

www.saopaulofc.net

ou ligue 0800-120812.





NA 2ª CIDADE MARAVILHOSA,



O Nº1 É O HOTEL BERRO D'ÁGUA.



- Completa estrutura para convenções
- 4 salões nobres, 8 salas de apoio
- Projeto Proteger (animais silvestres)
- Esportes náuticos e Recanto infantil
- Aldeia de Índios Guaranis

- Atividades com monitores
- Piscinas aquecidas e Salão de jogos
- Futebol society e Vôlei de praia
- Quadras de tênis e poliesportiva
- Ginástica, sauna, hidromassagem



Em AVARÉ-SP | RESERVAS 0800-552577

www.hotelberrodagua.com.br
e-mail: eventos@hotelberrodagua.com.br

Rodovia SP-255, km 268
Represa de Jurumirim

A REVISTA OFICIAL DO SÃO PAULO
É UMA PUBLICAÇÃO DA DIRETORIA
DE COMUNICAÇÕES

EXPEDIENTE

Presidente do Conselho Deliberativo

Luiz Cássio dos Santos Werneck

Vice-Presidente do Conselho Deliberativo

Claudio Aidar

Presidente do Conselho Consultivo

Ives Gandra da Silva Martins

Presidente do Conselho Fiscal

Edison Richelmo Zago

Presidente da Diretoria Executiva

Marcelo Figueiredo Portugal Gouvêa

Vice-Presidente da Diretoria Executiva

Luiz Marcio Domingues Aranha

Conselho Editorial

Luiz Celso de Piratininga, José Acras,
Rui Branquinho e Fernando Portela

Jornalista Responsável

Carlos A. Bortole Mtb 29442

Colunistas

Agnelo Di Lorenzo (arquivo histórico)
e Paulo Planet Buarque

São Paulo Futebol Clube

Estádio Cícero Pompeu de Toledo

Pça. Roberto Gomes Pedrosa, 01

Cep 05653 - 070

Telefone 0xx11 3749-8000

(Publicação Bimestral)

Edição

HMP Marketing Editorial Ltda

Fone: (0xx11) 3866-2770

Diretoria

Marcio Masulino Alves

Paulo Henrique Gomes de Figueiredo

Editor

Carlos Mesquita

Secretária de redação

Ana Carolina Coutinho (textos e produção)

Colaboração

Andréa Longue, Cinthia Gagliardi, Ana
Paula Andrade, Juca Pacheco, José
Henrique da Cruz, Juliana Welling, Hugo
Gallo (fotos) e Mariana Souza

Produção

Ingrid Oldenburg (maquiagem)

Reportagem

Fernando Savaglia

Fotógrafos

Rubens Chiri/Perspectiva e Tatyana Alves

Editor de arte

Celso Andrade

Chefe de arte

Marco Basile

Estagiário de arte

Rogério C. Macadura

Impresso pelo processo
direct-to-plate por Prol Indústria
Gráfica Ltda



Índice

04 Índice

06 Imagens

Os lances mais emocionantes

do Brasileirão 2002

08 Por onde anda

O zagueiro pentacampeão está jogando

na França, mas não se esquece da equipe

que o projetou para o mundo

10 Goleiros

Conheça a história dos arqueiros

que marcaram época no São Paulo

16 Artilheiros

Luís Fabiano, Kaká e Reinaldo formaram um

melhores ataques da temporada 2002

20 Dez anos de título

Reportagem especial para celebrar a

conquista mais importante do clube

32 Janeth

A superjogadora de basquete que encantou

os norte-americanos agora no nosso time

34 Paixão Tricolor

Mari Alexandre: são-paulina

de corpo e alma. Não duvide!

36 Encontro Memorável

Os ex-craques que fazem parte de nossa

história juntos no CCT da Barra Funda

38 Campeonato

Tabela com os últimos jogos do São Paulo

no Campeonato Brasileiro de 2002

42 Ives Gandra da Silva Martins

Um intelectual apaixonado por futebol

e pelo SPFC

46 Notícias do Tricolor

As principais novidades para 2003,

Paulo Planet, sócio-torcedor...

UM SPFC MAIS FORTE EM 2003

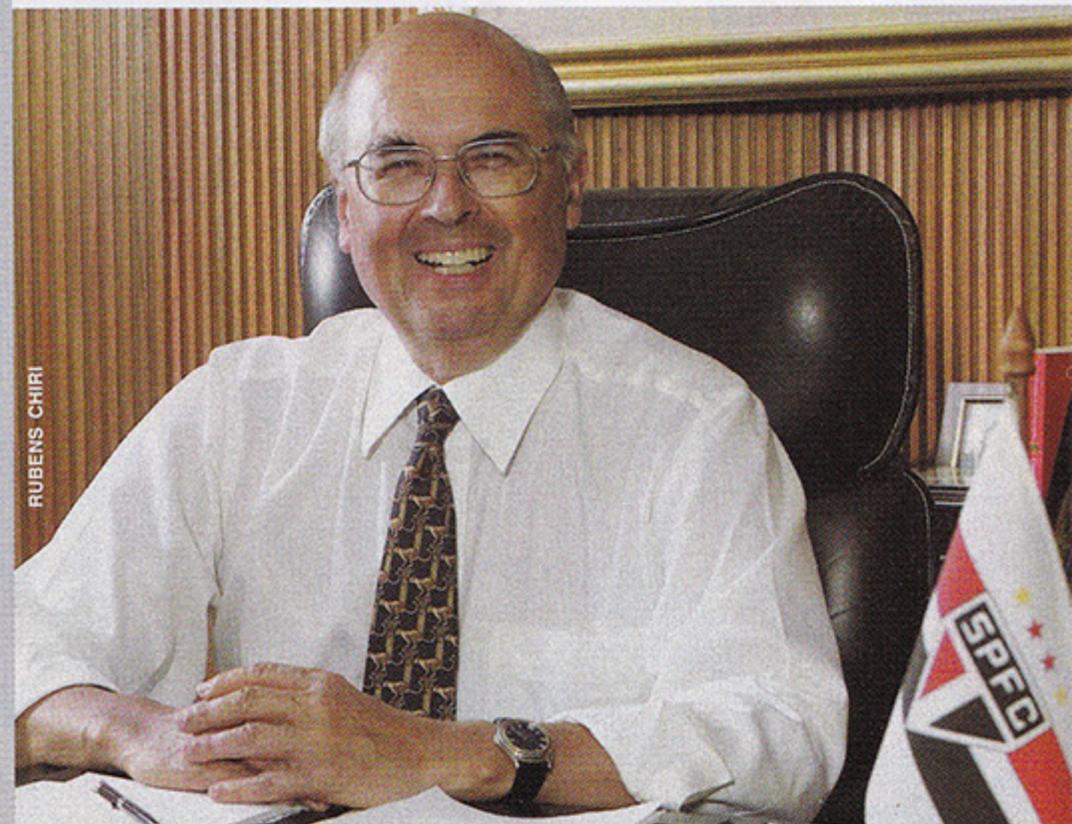
A temporada de 2002 para o futebol profissional do São Paulo foi um ensinamento. Se, por um lado, a comunidade são-paulina ficou triste por não termos alcançado o objetivo maior, que era a conquista de um dos títulos nacionais em disputa, por outro fica a lição dos erros e acertos que servirão, sem dúvida, para um São Paulo mais forte em 2003. Ao assumir o comando do clube, em abril de 2002, me propus a formar um time à altura da tradição tricolor. Para isso, trouxemos de volta o artilheiro Luís Fabiano, o matador Reinaldo e o craque Ricardinho. Este, numa negociação desgastante, mas que teve um final feliz. Ao lado de Kaká e Rogério Ceni, e comandados pelo técnico Oswaldo de Oliveira, a equipe chegou à fase final de todas as competições que disputou. Com atuações de gala de nosso ataque, chegamos na dianteira no Brasileirão, mas fomos tragados pela injusta fórmula do campeonato. Aliás, para 2003, a posição do São Paulo é clara. Campeonato com pontos corridos. É mais justo e coroa o elenco que melhor se apresentou durante a competição. E assim são disputados os principais campeonatos da Europa.

A nós agora basta nos concentrarmos para a próxima temporada. Nosso planejamento já está colocado. Já detectamos nossos pontos fracos durante a campanha passada e, podem ter certeza de que, em 2003, o São Paulo virá ainda mais confiante e mais unido em busca dos títulos que não chegaram em 2002.

Boas festas e um ano novo repleto de conquistas

Saudações tricolores

Marcelo Portugal Gouvêa
Presidente



A maior de todas as conquistas

Em dezembro de 2002, o São Paulo Futebol Clube comemorou os dez anos de sua vitória mais vibrante. Foi o título do Mundial Interclubes. Que a equipe do Morumbi - brilhantemente conduzida na época por Telê Santana, um verdadeiro mago do futebol - conquistou.

Naquela madrugada de sábado para domingo aqui no Brasil, os são-paulinos ficaram estáticos diante de seus televisores. Os olhos nem piscavam. A confiança na equipe era grande. Afinal, o time havia ganho quase tudo naquela temporada. Dentro de campo, o Tricolor exibia um futebol cheio de elegância. Era absurdamente genial. Era futebol-arte. Mas nossos heróis foram subestimados na Ásia desde o princípio.

A imprensa e o Barcelona os tratavam como um time qualquer, sem chances. Ledo engano. Para desespero dos ricos espanhóis, nossos atletas se superavam a cada jogada naquele 13 de dezembro. Não havia bola perdida. Porque eles acreditavam, acima de tudo, na possibilidade de transformar um sonho numa realidade histórica. Então aos 34 minutos do segundo tempo, o mundo se rendeu à genialidade de Raí. De falta, o atleta colocou a bola no ângulo direito de Zubizarreta. Era a coroação de um trabalho magnífico que encantou o planeta bola. E que, no ano seguinte, repetir-se-ia num outro capítulo dessa emocionante saga de vitórias do SPFC.

Imagens



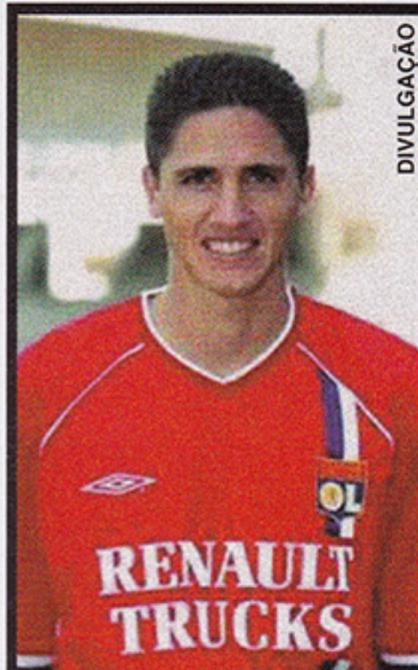
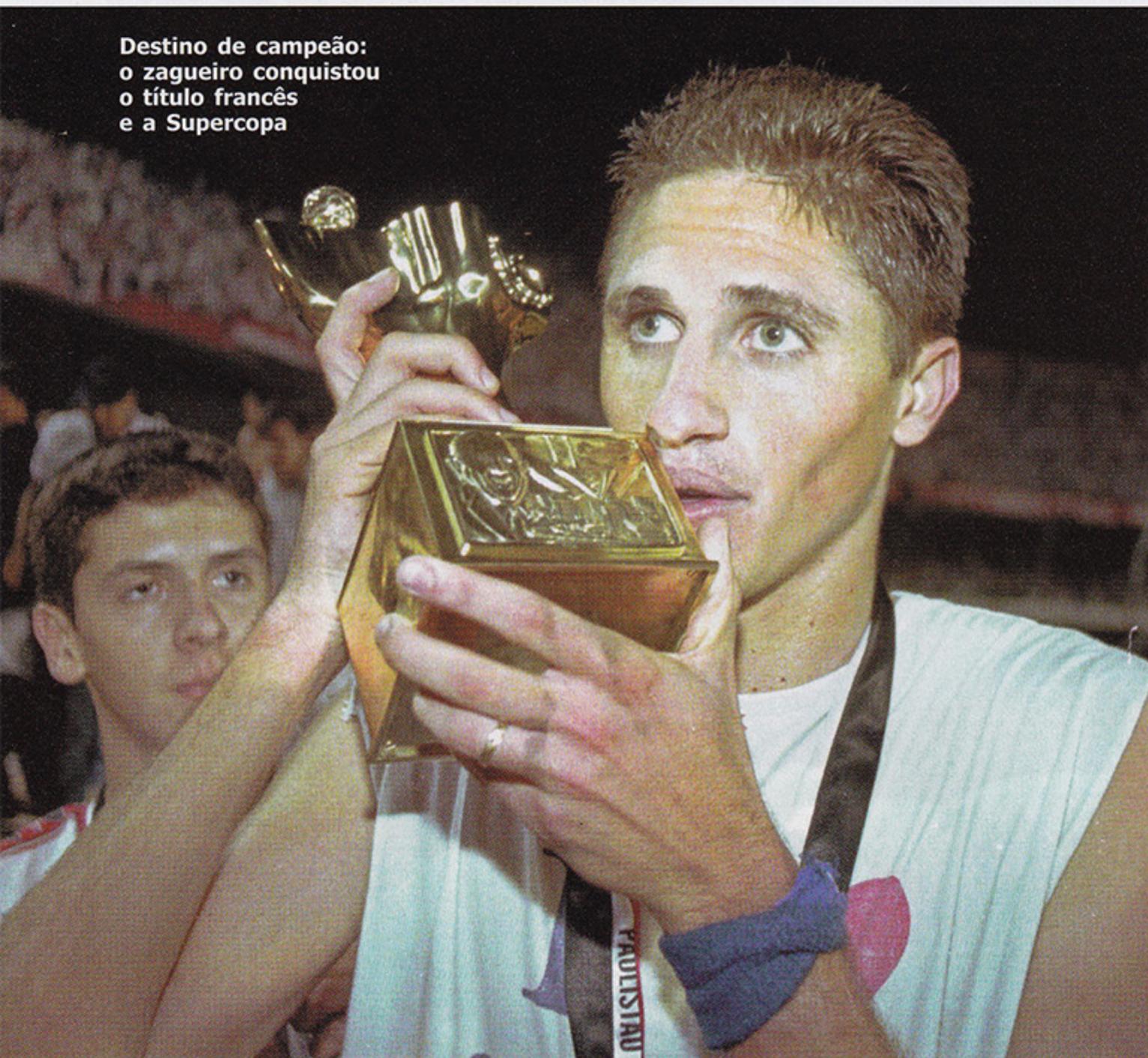
LOS TRÊS AMIGOS

O trio mais matador do Brasileirão 2002 comemorando o segundo gol do SPFC, marcado por Luís Fabiano, na vitória de 3 a 2 sobre a Portuguesa, em 26 de outubro. Juntos na temporada passada, Reinaldo, Luís Fabiano e Kaká balançaram as redes 75 vezes



RUBENS CHIRI

Destino de campeão:
o zagueiro conquistou
o título francês
e a Supercopa



DIVULGAÇÃO

EDMILSON

José Gomes Moraes
Nascimento: 10/07/76
Local: Taquaritinga/SP
Signo: Câncer
Altura: 1,86 m
Peso: 75 quilos

ESTRÉIA NO FUTEBOL PROFISSIONAL

1993 - Campeonato
Paulista - Série A2
Olimpia 2 X 1 XV de Jaú

ESTRÉIA NA SELEÇÃO BRASILEIRA

10/07/2000 - Eliminatórias
Paraguai 2 X 1 Brasil

Allez, Edmilson!

Pentacampeão mundial, o zagueiro Edmilson, que atualmente defende o Olympique de Lyon, tradicional clube francês, não esconde sua paixão pelo Tricolor do Morumbi

Por Fernando Savaglia

Natural de Taquaritinga, interior do Estado de São Paulo, Edmilson José Gomes de Moraes veio para o Tricolor em 1994. O atleta foi indicado pelo já falecido José Poy, ex-goleiro são-paulino e ex-treinador do time. Ele ficou impressionado com a versatilidade do jovem jogador. Edmilson, que atuava no XV de Jaú, chegou ao Morumbi na condição de volante. Dario Pereyra, técnico dos juniores na época, comentou que gostaria de testá-lo na zaga. Situação coincidentemente vivida pelo próprio Dario em 1977, que de volante passou a jogar como quarto-zagueiro.

No ano seguinte, com apenas 19 anos, Telê Santana começou a utilizar Edmilson no time principal na disputa do Campeonato Brasileiro. Naquele momento, sua versatilidade foi colocada a toda prova. Pois atuou como

meia, volante, zagueiro e lateral-direito.

Com a chegada de Levir Culpi em 2000, pela primeira vez Edmilson disputou um campeonato numa única posição. Como zagueiro-central, acabou por ganhar a confiança da torcida e até foi um dos destaques na conquista do Paulistão de 2000. Depois de despertar o interesse do Arsenal, tradicional clube inglês, o atleta acabou sendo negociado com o Olympique de Lyon - principal equipe da segunda maior cidade da França, famosa mundialmente por sua gastronomia. O clube, atual campeão francês, pagou ao São Paulo uma grande quantia pelo passe do atleta.

Logo no início, o brasileiro sentiu dificuldades no futebol europeu. "No começo, não me comunicava muito bem. Não sabia falar francês. Quanto ao estilo de jogo, acabei me adaptando rapidamente, até por ter atua-

BALANÇO “A cada um de nós é dada a oportunidade de crescer. Temos é de ter a capacidade de agarrá-la da melhor maneira possível. Deus tem um propósito na vida de cada um. E eu acredito muito nisso”

do em diversas posições no São Paulo”. Hoje, porém, o jogador garante que já fala e entende perfeitamente o idioma. Além de estar há dois anos morando lá, sua esposa faz faculdade de letras e o ajuda bastante. “Hoje, já dou entrevistas tranquilamente em francês”.

Além do campeonato nacional, a equipe de Edmilson disputa atualmente a Copa dos Campeões europeus. “No campeonato francês, estamos em primeiro lugar. É um torneio muito equilibrado. Na verdade, damos prioridade à Copa dos Campeões, que estamos disputando pela terceira vez consecutiva. Afinal, é o campeonato de clubes mais importante do mundo.”

O DIA-A-DIA

Geralmente, o zagueiro treina todos os dias de manhã e à tarde. Atualmente, disputa dois campeonatos ao mesmo tempo e os jogos ocorrem de quarta-feira e sábado. Quando está de folga, o atleta vai aos restaurantes locais, além de reunir-se na casa de outros jogadores brasileiros que defendem o Lyon, como Juninho Pernambucano, Sonny Anderson e Cláudio Caçapa. “Para mim e minha família, é muito bom ter outros brasileiros por aqui e, apesar de ser uma cidade de 1,5 milhão de habitantes, é muito mais tranquila que São Paulo”.

Quando fala da conquista do pentacampeonato, Edmilson garante que só o fato de ter disputado a Copa do Mundo foi um presente. E, sobre a conquista, não esconde a emoção. “Ter sido campeão foi o que de

mais importante aconteceu na minha carreira. Entramos para a história do futebol brasileiro”. Durante a Copa do Mundo, o jogador marcou contra a Costa Rica talvez o gol mais bonito de todo o campeonato. Isso só foi possível por conta do esquema tático adotado por Luiz Felipe Scolari, que lhe dava total liberdade para sair jogando e atacar. “Fui muito criticado no primeiro jogo contra a Turquia por fazer isso. Acabei perdendo algumas bolas. Mas depois, como todo o grupo, peguei confiança e consegui ajudar o time na conquista do título”.

A estreia de Edmilson na seleção foi justamente em jogo pelas eliminatórias da Copa de 2002 contra o Paraguai, em Assunção. O resultado foi 2 a 1 para o selecionado da casa. Na época, o técnico brasileiro era Vanderlei Luxemburgo.

VOLTA AO BRASIL

Em relação a voltar ao Brasil, Edmilson é taxativo. O atleta afirma que não gosta de traçar planos para o futuro e que apenas vive o presente. No fundo, entretanto, deixa um resquício de esperança à nação tricolor. “Tenho um contrato com o Lyon por mais cinco anos. Mas quem sabe um dia não retorne ao São Paulo?”. Ainda para a torcida, Edmilson manda um recado. “Sempre estou ligado às coisas que acontecem no São Paulo. Tenho muitos e grandes amigos que trabalham no clube. Onde quer que eu esteja, sempre falo bem do Tricolor. Definitivamente, está no meu coração”.

TÍTULOS

Campeão Paulista pelo São Paulo Futebol Clube em 1998 e 2000

Campeão Francês pelo Olympique em 2001/2002

Campeão da Supercopa pelo Olympique em 2002

PENTACAMPEÃO da COPA DO MUNDO de Futebol com a seleção brasileira em 2002



O jogador comemorando o título do Campeonato Paulista de 2000 entre Raí e Alexandre

FOTOS RUBENS CHIRI



Valdir Perez infernizava os cobradores de pênalti com suas brincadeiras desconcertantes

Muralhas

De Nestor a Rogério Ceni, o São Paulo sempre contou com arqueiros habilidosos que ajudaram o clube em várias de suas conquistas

Por Fernando Savaglia
Agradecimentos José Acras

Dizem que onde ele joga nem grama nasce. Ele é o único que veste uniforme diferente, além de ser o mais solitário atleta dentro de campo. Quando seu time ataca, ele é um mero espectador. Quando é atacado, torna-se a última barreira entre a bola e as redes. Alguns têm a vocação de verdadeiros líderes. Outros são calados e, ao contrário dos atacantes que raramente são lembrados pelos gols perdidos, uma única falha, às vezes, marca de forma definitiva a



Poy: para muitos o maior de todos

FOTOS REPRODUÇÃO

Invencíveis

carreira deles. Existe uma velha máxima do futebol que diz que todo grande time começa com um grande goleiro.

OS PRIMEIROS DONOS DA POSIÇÃO

Com tantos títulos e glórias em sua história, o São Paulo teve arqueiros emblemáticos defendendo suas cores. O primeiro de todos foi Nestor, em 1930. Nessa época, a vida dos goleiros não era fácil. Havia campos ruins e bolas de capotão que, em tempos de chuva, pareciam pesar toneladas. Treinadores exclusivos para goleiros? Nem pen-

sar. Além do que não usavam luvas, hábito que seria incorporado apenas décadas depois por causa do argentino Carrizo, que passou a utilizá-las em meados dos anos 40. O primeiro arqueiro campeão pelo Tricolor foi Joãozinho, um ano depois do nascimento do clube. Mas ele foi substituído no campeonato seguinte por Moreno. Ainda na década de 30, a torcida do São Paulo veria Hélio Geraldo Caxambu inventar o que os cronistas esportivos da época chamaram de "ponte". Em partida pelo Paulistão de 39, o goleiro tricolor saltou lateralmente e, com o corpo todo esticado, agarrou a bola

evitando o tento adversário. Nesse momento, ele arrancou interjeições de espanto da platéia. Até aquela época, os goleiros encaixavam ou espalmavam a bola para frente ou para a linha de fundo. Aquele tipo de defesa era um feito inédito.

O REI

Apesar de ter chegado ao clube em 1936, Nivacir Inocência Fernandes, conhecido pelo apelido de King, fez fama ao sagrar-se campeão no ano



King

de 43, com ótimas atuações num campeonato em que o São Paulo entrou desacreditado. Dono de um físico privilegiado, o jogador disputou 188 partidas com a camisa tricolor. Seu sucessor como titular foi Gijo, atleta discreto que veio do Fluminense e contribuiu muito na conquista do bicampeonato de 45/46. Quem o substituiu no ano seguinte foi Mário, que também sagrou-se bicampeão com o São Paulo em 48/49.



King: físico privilegiado e muita elasticidade



ARGENTINO DOS BONS

O reserva de Mário era um garoto argentino de enorme talento. Ele terminou entrando para a história do clube, para muitos, como o maior de todos que já vestiram a camisa do Tricolor. Nascido em Rosário, no interior da Argentina, José Poy carregava consigo todas as características que tornaram famosos os goleiros daquele país. Afora a fantástica colocação e uma ótima saída de gol, sobravam-lhe reflexo e regularidade. Sua trajetória começou no São Paulo em 1948, quando o Rosário Central, time que defendia, enfrentou em jogo amistoso o Tricolor no Pacaembu. O resultado, um empate por 2 a 2, não exprimiu o verdadeiro massacre à



Gijo

que a defesa argentina e, em especial, o goleiro de apenas 19 anos foram submetidos. Impossível não se impressionar com a atuação do jovem arqueiro naquela tarde. Depois de uma longa negociação, em primeiro de setembro de 1949, o argentino desembarcou em São Paulo. Sua adaptação não foi fácil. Durante um ano, o jogador treinou duro. E, no seguinte, vestiu a camisa titular do São Paulo, fato que se repetiu por mais 12 temporadas. Mesmo sendo argentino, suas atuações seguras o fizeram ter o nome lembrado para defender a seleção brasileira na Copa de 54. A imprensa especializada sugere

riu que o jogador se naturalizasse brasileiro. Em toda a história do São Paulo, Poy foi o terceiro atleta a vestir por mais tempo a camisa do clube. Foram 12 anos e dez meses. Só perdeu para seu companheiro De Sordi, com 13, e Teixeira, com 16. Quando se aposentou em 63, ele tinha a impressionante marca de 565 jogos disputados pelo clube.



Mário

OS ANOS 60

Nos anos 60, o Tricolor teve inúmeros goleiros. Mas era difícil arrumar algum à altura para substituí-lo com tanta eficiência. Passaram pelo Tricolor, entre outros, Suly, Picasso e Raul Plasman, que ficaria famoso no Cruzeiro e no Flamengo.

Para o goleiro ser bom, muitos consideram que ele deve ter alguns atributos como liderança, capacidade física e psíquica, presença de espírito e passar confiança a seus companheiros. Essas eram as qualidades de Sérgio Wagner Valentin, que veio das divisões de base do. São Sérgio, como ficou conhecido, firmou-se como titular no supertime montado em 70 para a disputa do Campeonato Paulista. Seu apelido deveu-se às suas brilhantes atuações. Sagrou-se bicampeão em 70/71, jogando ao lado de feras como Toninho Guerreiro, Forlan e Gérson, o Canhotinha de Ouro. Na reserva de Sérgio, havia outro cara bom de bola. Era



Uniforme ousado: Nestor (quarto da esq. para dir.) jogava com uma camisa arrojada para a época





Valdir Perez em diferentes momentos: o goleirão sabia jogar nas situações mais adversas

Toinho

Wanderley, que, substituindo o titular em 1973, fez ótimas partidas.

A HISTÓRIA DE UMA LENDA

Valdir Perez veio da Ponte Preta, de Campinas, com fama de grande jogador. No São Paulo, isso se confirmou e se expandiu, principalmente com as conquistas do Paulistão de 75 e do Brasileiro de 77, no qual o goleiro teve papel fundamental. Contra a Portuguesa de Desportos, na disputa de pênaltis que definiria quem ficaria com o título paulista, o carismático goleiro infernizou os cobradores da Lusa com suas brincadeiras, conseguindo desestabilizá-los a ponto de o time do Canindé não converter nenhum



Poy

tento. O placar nos pênaltis foi de 3 a 0 para o Tricolor. Valdir pegou dois e irritou tanto Wilsinho, ponta da Portuguesa, que o jogador isolou a bola por cima do travessão. Dois anos depois, lá estava o arqueiro numa situação muito parecida. Mas, dessa vez, valia um título ainda inédito para o clube, o Campeonato Brasileiro. O adversário era o Atlético-MG, que jogava em casa com o apoio de sua torcida. Mineirão lotado, jogo e prorrogação empatados. Tudo isso fazia parecer que a tão decantada máquina atleticana tinha emperrado diante do valente Tricolor. O time são-paulino, mesmo com algumas deficiências técnicas, desfilou uma aplicação tática impressionante, monta-

da pelo brilhante técnico Rubens Minelli. Assim, não deixou o Galo jogar. Pênaltis: a hora da verdade. Nervos à flor da pele. Chicão errou o primeiro do São Paulo. O Mineirão explodiu de alegria. Valdir acompanhou Toninho Cerezo em seu caminho para a marca do pênalti. Fez piada, procurando abalar psicologicamente o craque atleticano. Não deu outra. Cerezo bateu e errou. O lateral Getulio, dono de um dos chutes mais violentos da história do futebol brasileiro, bateu e também não converteu. Ziza pôs o Galo na frente, 1 a 0. O volante Peres marcou para o São Paulo, empatando. Ainda assim, o time mineiro estava em vantagem. Alves conferiu para o Atlético. Parecia que o Galo iria ficar com o título. Só um milagre tiraria o campeonato da representação de Belo Horizonte. E esse milagre estava embaixo das traves são-paulinas. O quarto-zagueiro Bezerra marcou. Repetindo sua tradicional catimba, Valdir Perez brincou com o zagueiro Joãozinho Paulista. Em seguida defendeu a cobrança, o que desfez a vantagem atleticana. O lateral-esquerdo Antenor, apelidado de Bionicão por conta da potência de seu chute, mandou uma pancada indefensável para João Leite, arqueiro do Galo. Faltava apenas uma cobrança quando Valdir se aproximou de Márcio, zagueiro atleticano, e deu um tapinha no jogador para lhe desejar "boa sorte". Nesse momento, ele colocou todo o peso da responsabilidade sobre o batedor, dizendo "você vai errar". Márcio sorriu, visivelmente nervoso. Então correu para bater,



Sérgio Valentim

mas parecia estar cobrando um tiro de meta, dada a violência com que chutou a bola por sobre a trave do arqueiro tricolor. Resultado: São Paulo Campeão Brasileiro de 77. E Valdir Perez realmente era grande pegador de pênaltis. Em amistoso contra a poderosa seleção alemã em 81, o goleiro, com o selecionado nacional, defendeu dois pênaltis batidos pelo experiente meia Breitner. Vale a pena lembrar que, graças às suas fantásticas atuações, Valdir disputou três Copas do Mundo: 74, 78, em ambas como reserva de Leão; e 82, esta como titular. Até hoje, o goleiro é dono do recorde de partidas jogadas pelo São Paulo. Foram 597 ao todo. Apesar de tímido, Valdir tinha um grande senso de humor. Sempre divertido e contando piadas, ainda é uma das figuras mais queridas da história do clube. Divertido também era seu reserva, Toinho, que, além de muito bom tecnicamente, sempre surpreendia com suas saídas do gol. Certa vez, num jogo contra o Santos no Morumbi em 77, entusiasmado com a reação da torcida ao driblar o atacante adversário, o goleiro se lançou em direção à meta santista, chegando, aos trancos e barrancos, com a bola dominada à intermediária adversária. Ele incendiou um jogo morno até então.



Joãozinho (agachado) foi o primeiro goleiro campeão pelo Tricolor, um ano após a fundação do clube

Ele entrou para a história do SPFC: Zetti, em pouco mais de cinco anos de clube, faturou 12 títulos



CURIOSIDADES

Roberto Gomes Pedrosa, que foi presidente do São Paulo em 1946, chegou a atuar como goleiro do Tricolor nos anos de 38 e 39. Posteriormente, foi presidente da Federação Paulista de Futebol de 47 a 54 (fotos ao lado).

O ex-goleiro Poy foi técnico da equipe principal do São Paulo por cinco vezes. E sagrou-se campeão paulista em 75. Ele também é o recordista, como treinador, de vitórias em Campeonatos Brasileiros. Foram 71, além de ser dono da maior invencibilidade, 17 partidas.

Valdir Perez foi o jogador que mais vestiu a camisa do São Paulo em toda a sua história, foram 597 vezes. Em 1975, Valdir foi também ganhador do mais importante prêmio dado pela imprensa esportiva a um atleta de futebol, a Bola de Ouro. Tal premiação foi instituída pela revista *Placar*.

Zetti e Gilmar dos Santos Neves são os únicos goleiros brasileiros a terem o título de bicampeões Mundiais Interclubes. Gilmar com o Santos, em 62-63, e Zetti com o Tricolor, em 92-93.

Depois de Valdir Perez, o dono da posição foi Gilmar Rinaldi: arqueiro de sorte e competência



GILMAR RINALDI CONQUISTOU A VAGA

Quando Valdir Perez deixou o São Paulo, em 84, alguns nomes tentaram se firmar, sem sucesso, como seu substituto. Foi o caso de Abelha, vindo do Flamengo, Barbirotto, das categorias de base e Tonho, comprado do Santo André. A posição só foi ocupada definitivamente por Gilmar Luiz Rinaldi, vindo do Internacional, de

Porto Alegre. Dono de uma personalidade forte, ele transformou-se em líder no jovem esquadrão montado por Cilinho, em meados dos anos 80, apelidado de Menudos do Morumbi. Além de excelente goleiro, Gilmar tinha muita sorte. Era daqueles que, às vezes, em um pênalti, escolhiam o lado oposto ao da bola. E ainda assim ela batia na ponta de seu pé e ia para fora. Sua liderança

Rogério Ceni veio do Sinop para tornar-se ídolo das novas gerações de são-paulinos



foi fundamental nos títulos Paulistas de 85, 87 e 89 e no Brasileirão de 86.

Em 87, graças ao título brasileiro conquistado no ano anterior, o Tricolor disputou a Libertadores da América. Nos dois jogos que fez contra a tradicional equipe do Colo Colo, o destaque foi Roberto Rojas, que praticamente fechou o gol do time chileno. Contratado no mesmo ano pelo time do Morumbi, o arqueiro chegou para disputar a posição com Gilmar. Rojas ainda foi envolvido num incidente num dos jogos pelas eliminatórias da Copa, que ocorreram em 89. O chileno foi afastado do futebol e hoje é treinador de goleiros da equipe principal do São Paulo, em que é considerado um dos funcionários mais queridos e dedicados ao clube.

O MAIOR CAMPEÃO DE TODOS OS TEMPOS

Zetti chegou ao São Paulo depois de ter feito boas temporadas no Palmeiras. Contundido seriamente em jogo pelo Campeonato Brasileiro, quando se recuperou, após um ano, foi preterido pela direto-

ria palmeirense. O atleta então se transferiu para o São Paulo em maio de 90. Discretamente, tomou posse da posição e acabou por imortalizar seu nome na equipe mais vencedora que o Tricolor montou em sua história. Foram 12 títulos em pouco mais de cinco anos.

Na Libertadores de 92, o goleiro, afora as atuações inesquecíveis, garantiu o título para o São Paulo ao defender o pênalti cobrado pelo zagueiro Gamboa, do Newell's Old Boys. Foi o primeiro e, até agora, único goleiro são-paulino a tornar-se Campeão Mundial Interclubes. Conquistou esse título em 92, contra o Barcelona, façanha que iria repetir no ano seguinte ao participar da segunda conquista mundial, sobre o Milan.

UM RESERVA DE FUTURO PROMISSOR

No banco de reservas em 1993, no Japão, havia um jovem talentoso goleiro de 20 anos vindo a gloriosa atuação de Zetti. Era Rogério Ceni, que veio de um pequeno clube mato-grossense chamado Sinop e que, nove anos depois, sagrar-se-ia pentacampeão mundial defendendo a seleção brasileira naquele mesmo país.

Em 1994, com o expressinho do São Paulo, Rogério conquistou seu primeiro título como profissional ao vencer a Copa Conmebol. Com grande ascensão sobre seus companheiros, rapidamente o goleiro começou a chamar a atenção por sua liderança dentro de campo. Quando Zetti se transferiu para o Santos, em 96, Rogério assumiu a posição. Dono de um chute cer-

TREINAMENTO

Até os anos 70 no Brasil, o treinamento para goleiros se resumia a exercícios físicos com pesos e técnicos como cruzamentos na área e finalizações. Hoje, o treinamento com bola é priorizado em relação ao físico. Isso fez aumentar substancialmente a capacidade técnica dos arqueiros. Com o avanço da chamada ciência esportiva, estudos ligados aos fatores psicomotores, assim como aspectos psicológicos, passaram a fazer parte da preparação dos goleiros.

teiro, o goleiro chama a atenção também pelas suas cobranças de faltas. Ele já fez 28 gols de bola parada. E Rogério não esconde seu amor pelo São Paulo: "Sou são-paulino de coração. Quero ganhar tudo pelo São Paulo e fico louco quando o Tricolor perde".

VOCÊ NÃO PODE PERDER ESTA SUPERPROMOÇÃO!

Escreva para nossa redação. E diga quem são os três maiores goleiros da história do nosso glorioso São Paulo Futebol Clube. Você irá concorrer a uma camisa de goleiro autografada. Por quem? Surpresa. O atleta que ficar em primeiro lugar será entrevistado por são-paulinos ilustres. O que você está esperando? Mande já sua carta. Elas devem ser endereçadas para rua Sepetiba, 570 – CEP 05052-000 – Lapa - São Paulo – SP. Ou, se preferir, envie um e-mail para revistaspfc@editoramhp.com.br. Boa sorte!

Por Carlos Mesquita

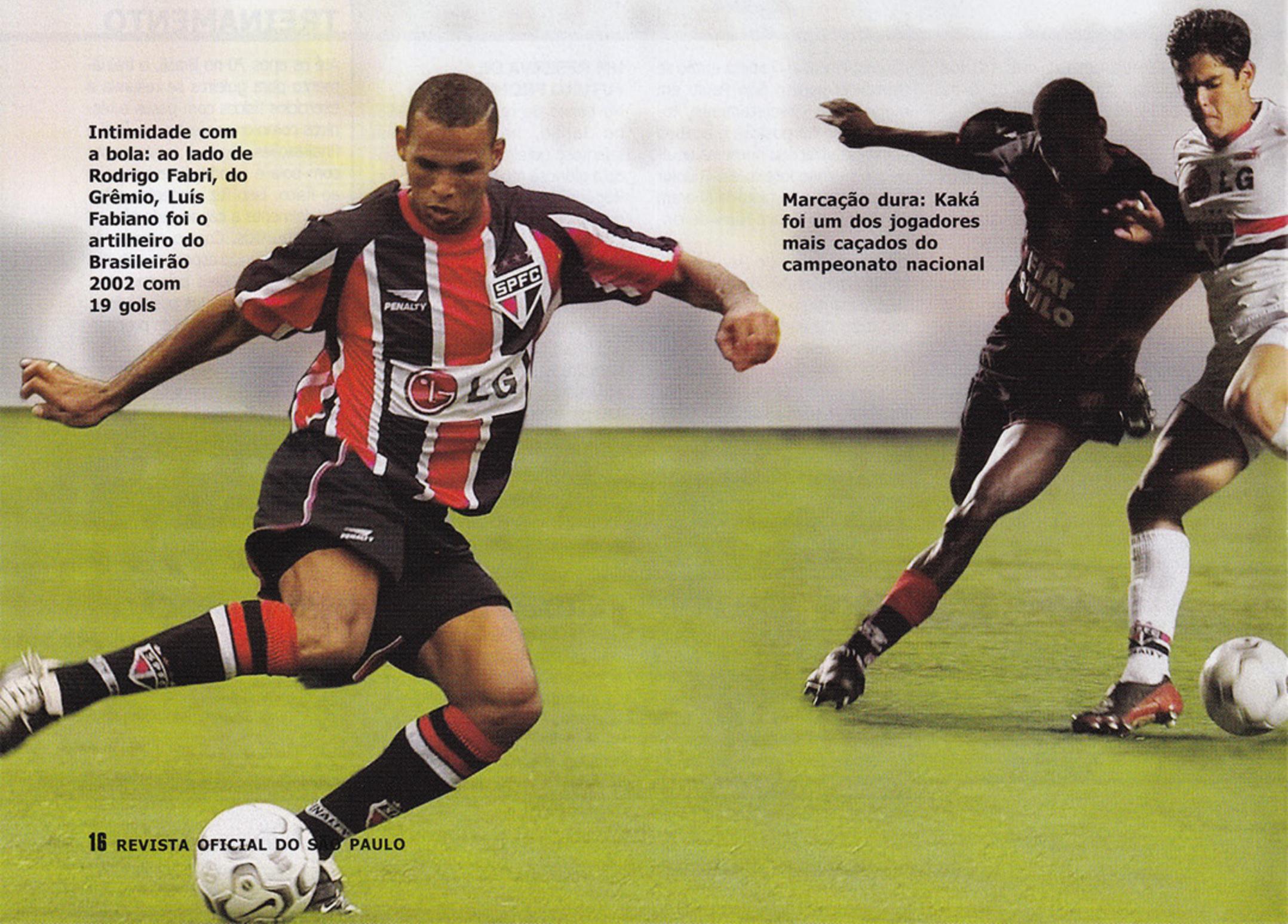
Três caras da pesada

Por conta da categoria de Kaká, Luís Fabiano e Reinaldo, o São Paulo foi dono de um dos ataques mais letais do Brasileirão

Kaká, Luís Fabiano e Reinaldo formaram um trio irrepreensível no Brasileirão 2002. Os jogadores demonstraram um entrosamento de fazer inveja. Juntos, balançaram 40 vezes as redes adversárias. Kaká fez nove, número relevante para um atleta que tem, como maior responsabilidade, a armação das jogadas. Com habilidade, o craque foi para cima de seus marcadores. E deu um baile em quase todo mundo. Por conta disso, sofreu com zagueiros e volantes mais afoitos. Apesar da característica ofensiva, Reinaldo também se deu bem como garçom. Com assistências precisas, serviu aos companheiros pratos saborosos, deixando-os na cara dos goleiros adversários. Além disso, o Rei do Morumbi fez o que mais sabe, gols. Foram 12. Luís Fabiano não ficou para trás. Mostrou extrema intimidade com a bola. E fez questão de tratá-la com carinho. O atacante foi para o abraço 19 vezes, dividindo a artilharia com Rodrigo Fabri, do

Intimidade com a bola: ao lado de Rodrigo Fabri, do Grêmio, Luís Fabiano foi o artilheiro do Brasileirão 2002 com 19 gols

Marcação dura: Kaká foi um dos jogadores mais caçados do campeonato nacional



Grêmio. Sua eficiência é impressionante. De frente para o gol, é uma máquina mortífera – aliás, com a camisa tricolor, já fez 57 gols, o que o deixa com a terceira melhor média de gols entre os artilheiros da história do clube. Assim como Reinaldo, Luís Fabiano também foi bem no quesito assistência no campeonato nacional. Municou os companheiros sem parcimônia. Logo na estréia do time, diante do Paysandu, o matador fez dois. E assim foi durante o resto da competição.

Contra o Fluminense, por exemplo, Kaká, Reinaldo e Luís Fabiano abusaram do talento. Deram um banho. Os três se mexeram bastante, trocando de posição com enorme facilidade. Kaká e Reinaldo, porém, revezaram-se mais pelas pontas, enquanto Luís Fabiano se deslocou mais pelo meio. Insinuante, o São Paulo massacró o Tricolor carioca. O placar mostrou um quase insólito 6 a 0. Kaká fez um e Luís Fabiano, dois. Já no clássico contra o Corinthians,

a estrela de Reinaldo brilhou mais forte. O atleta fez os dois do Tricolor. E, com toda a sua categoria, deixou o goleiro corintiano de joelhos. Nem mesmo o Flamengo, um de seus ex-times, foi poupado. Reinaldo marcou dois dos três, mas evitou comemorar de forma acintosa. Adivinha quem fez o outro? Kaká, é claro. Diante do Coritiba, novamente o incansável Reinaldo balançou duas vezes as redes. Contra o Figueirense, foi a vez de Kaká arrebentar. O jovem craque enfiou dois e Luís Fabiano também não perdeu. E ainda havia mais e mais gols no caminho desse trio estupendo.

Na partida contra a Ponte Preta, os três mostraram por que eram o terror das defesas inimigas. Luís Fabiano fez dois, mas Reinaldo e Kaká também deixaram suas marcas. No jogo com o Vasco da Gama, Luís Fabiano, impossível, marcou dois dos cinco. Diante do Vitória, Kaká e Reinaldo aprontaram mais, promovendo uma daquelas viradas para ninguém botar defeito. Haja coração!

ESQUEMA TÁTICO



Kaká e Reinaldo cavam espaços pelas laterais se revezando. Já Luís Fabiano fica mais pelo meio. Mas o esquema não é fixo, os três têm total liberdade



Garçon: Reinaldo também foi bem no quesito assistência

Artilheiros



“Eu e o Kaká nos movimentamos. O Luís Fabiano fica mais na área”

Reinaldo



“Como os três atacantes têm técnica, quem está com a bola tem condição de deixar o outro na cara do gol

Luís Fabiano

Marca registrada:
a tradicional
comemoração
de Kaká



FOTOS RUBENS CHIRI

ESTATÍSTICAS DO BRASILEIRÃO

Gols e partidas

LUÍS FABIANO: 19 GOLS EM 23 JOGOS

Reinaldo: 12 gols em 23 jogos

Kaká: 9 gols em 22 jogos

Assistências convertidas em gols

Luís Fabiano: 5

Reinaldo: 5

KAKÁ: 9

TEMPORADA 2002

Gols

Luís Fabiano: 21

REINALDO: 31

Kaká: 23

Partidas

Luís Fabiano: 25

REINALDO: 54

Kaká: 50

PARTIDAS PELO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

Luís Fabiano: 74

Reinaldo: 54

KAKÁ: 109

GOLS PELO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

LUÍS FABIANO: 57

Reinaldo: 31

Kaká: 41

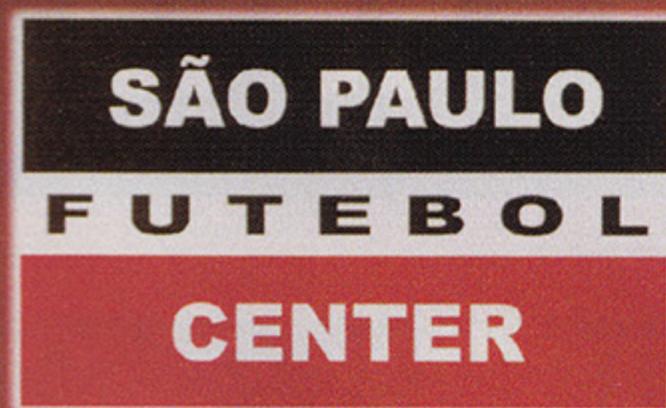
Bola Dividida no São Paulo Futebol Center.



São Paulo Futebol Center. Descobrimos craques, formando cidadãos.

Com estrutura e profissionais de alto nível, as escolas de futebol oficiais do São Paulo cuidam de seus alunos com o conceito de qualidade que transformou o São Paulo Futebol Clube em um modelo no futebol brasileiro.

Por isso, se seu filho tem mais de 5 anos, matricule-o em uma das unidades do São Paulo Futebol Center. Ensinar futebol e formar cidadãos é este o nosso grande objetivo.



A ESCOLA OFICIAL DO SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

PILOTO - TEL/FAX (0XX11) 5073-3343, **FREGUESIA DO Ó** - TEL/FAX (0XX11) 3931-1522, **TATUAPÉ** - TEL/FAX (0XX11) 296-6546, **TAUBATÉ** - TEL/FAX (0XX12) 218-2188, **CURITIBA** - TEL/FAX (0XX41) 288-1300, **OSASCO** - TEL/FAX (0XX11) 3683-0600, **SANTO AMARO** - TEL/FAX (0XX11) 5687-6480, **TATUI** - TEL/FAX (0XX15) 251-1280, **BUTANTÃ** - TEL/FAX (0XX11) 3731-8262, **CIDADE JARDIM** - TEL/FAX (0XX11) 3071-1175, **PRESIDENTE PRUDENTE** - TEL/FAX (0XX18) 231-3805, **ITU** - TEL/FAX (0XX11) 4022-0408, **RIBEIRÃO PRETO** - TEL/FAX (0XX16) 623-1715, **MARÍLIA** - TEL/FAX (0XX14) 433-4301, **BRAGANÇA PAULISTA** - TEL/FAX (0XX11) 4032-7533, **GUARULHOS** - TEL/FAX (0XX11) 6442-7354, **MOGI DAS CRUZES** - TEL/FAX 4738-2459, **JUNDIAI** - TEL/FAX 4526-2090, **CAMPINAS** - TEL/FAX (0XX19) 3237-4777, **SOROCABA** - TEL/FAX (0XX15) 220-4572, **INDAIATUBA** - TEL (0XX19) 3834-1530, **SÃO BERNARDO DO CAMPO** - TEL/FAX (0XX11) 4398-7222, **SANTANA** - TEL/FAX (0XX11) 6971-1333, **ITAPETININGA** - TEL/FAX (0XX15) 271-0241



Em dezembro de 1992, o Tricolor do Morumbi conheceu o gosto de ser campeão do Mundial Interclubes com aquela que é apontada por muitos como a melhor equipe são-paulina de todos os tempos



No topo do m





A inércia de Zubizarreta: o goleiro espanhol não pôde fazer nada, a não ser acompanhar a trajetória da bola com os olhos

HUGO GALLO

o mundo



Por Fernando Savaglia

Estádio do Morumbi, sábado, final de tarde. O árbitro Oscar Roberto de Godói apita, apontando para o centro do gramado. Assim, encerrava a primeira partida da decisão do Campeonato Paulista de 1992. Apesar da grande vitória por 4 a 2 sobre o velho rival alviverde, não havia muito tempo para comemorar. Dali a algumas horas, o time do São Paulo e sua comissão técnica embarcariam num avião em busca da maior conquista com que uma equipe de futebol pode sonhar. As comemorações pela vitória contra o Palmeiras ficaram por conta dos tricolores das arquibancadas, que, durante o jogo, provocaram a torcida adversária exibindo centenas de cartolinas brancas, pintadas com uma bola vermelha ao centro em alusão à bandeira do Japão, país que abrigaria o embate que estaria por vir dali a oito dias. Esse era o jogo que valeria o título do Mundial Interclubes. Banho tomado, os jogadores atenderam à imprensa e, rapidamente, dirigem-se para suas casas a fim de pegarem bagagens, objetos pessoais. A próxima parada seria o Centro de Treinamento da Barra Funda, local em que a delegação se encontraria para seguir rumo ao aeroporto internacional de Cumbica. Os atletas casados demoraram um pouco mais nos carros com esposas e filhos. Afinal, uma semana do outro lado do mundo, disputando o mais desejado dos troféus, era motivo de sobra para uma despedida especial. No caminho para Guarulhos, o clima era de animação.

Após alguns longos instantes, o avião decolaria. Todos passariam pelos menos 24 horas no ar. Aos poucos, a algazarra e as risadas diminuiriam até cessarem de uma vez por todas. "O clima no avião era de bastante tranquilidade e muita expectativa", conta José Eduardo Mesquita Pimenta, presidente do SPFC naquela época.

Depois, ouvia-se apenas o monótono barulho dos motores do avião em direção ao Oriente. Foi um ano cansativo, mas vitorioso. A conquista da Libertadores e a disputa do Campeonato Brasileiro seguidos do Paulista e da Supercopa dos Campeões da Libertadores exauriram jogadores e comissão técnica.

Sentado ao lado de Valdir Joaquim de Moraes, treinador de goleiros, o velho mestre Telê Santana era um dos poucos que não adormeciam. Anos e anos dedicados ao futebol não tiraram do grande treinador a

inigualável emoção de disputar uma grande final. Dez anos antes, uma dessas ironias do destino havia lhe privado de ser campeão mundial. Naquela oportunidade, Telê montou e dirigiu, brilhantemente, na Copa da Espanha uma das mais fantásticas seleções brasileiras de todos os tempos. Num único jogo em que tudo deu errado, o Brasil foi desclassificado pelo medianote time da Itália. E sentimos na pele o quanto esse esporte chamado futebol poderia ser cruel, injusto, ingrato.

Mas lá estava o velho mestre, em sua segunda passagem pelo São Paulo Futebol Clube, repleto de sabedoria sobre o assunto. Dessa vez, porém, já acumulava os títulos do Brasileiro e do Paulista do ano anterior, além da conquista da Libertadores de 1992. Dentre seus maiores méritos nessa época, destaca-se o de contribuir decisivamente para Raí alcançar o auge de sua forma física, técnica e tática. Com unanimidade e justiça, era apontado de novo como o melhor técnico do Brasil. E preparava-se para mais uma disputa de título mundial. O obstáculo a ser superado seria o badalado, o quase intocável Barcelona, considerado por muitos cronistas europeus o melhor time do mundo nos primeiros anos daquela década.

O ADVERSÁRIO

O tradicional clube da Catalunha, dono de um dos maiores patrimônios da Europa, havia investido pesado para montar uma equipe invencível. Além de ser a base da seleção de seu país, o time espanhol contava com vários craques consagrados como o centroavante búlgaro Stoitchkov, o meio-campista dinamarquês Laudrup e o zagueiro holandês Koeman – aliás, este último tinha fama de bater de faltas dos bons.

Ainda assim, o Tricolor havia aplicado uma estrondosa goleada na agremiação dirigida por Johann Cruyff apenas alguns meses antes, no torneio Tereza Herrera. Embora o jornal espanhol *Marca* se referisse ao SPFC como o "chicote de Indiana Jones" – ainda que todo mundo estivesse bem impressionado com a performance dos brasileiros –, a crônica esportiva daquele país



BATE-BOLA COM O PRESIDENTE

Três perguntas sobre o Mundial Interclubes para o presidente do Tricolor, Marcelo Portugal Gouvêa.

Que balanço o senhor faz desses dez anos da conquista do título mais importante da história do clube?

O balanço é positivo. Pois, se vamos falar dos dez anos da conquista do Mundial Interclubes, no seguinte o São Paulo ganhou novamente o título. Fato este que deve estar integrado ao primeiro. Após essas conquistas, o São Paulo foi campeão paulista várias vezes, do torneio Rio-São Paulo e sempre esteve entre as equipes de primeira linha. O time não conseguiu ganhar o Campeonato Brasileiro, a Libertadores e o Mundial Interclubes novamente. No momento, porém, estamos nos empenhando muito para isso. Mas não se pode dizer que, em uma década em que a equipe foi campeã mundial, da Libertadores e conquistou vários títulos paulistas, teve um saldo negativo. Poderia ter sido melhor, reconheço. O São Paulo tem potencial para isso. Mas tenho fé de que vamos reverter essa posição em breve.

Quais portas foram abertas para o clube depois do título do Mundial?

Depois da conquista, o São Paulo melhorou muito de posição no ranking brasileiro e mundial em todos os sentidos. É um clube extremamente respeitado. Os patrocinadores procuram o São Paulo. Mesmo tendo ficado algum tempo sem ganhar títulos, o clube, em todos os aspectos, sempre teve as portas abertas no futebol nacional e internacional. É claro que poderíamos estar ainda melhor se tivéssemos conquistado algum título dessa expressão nesses últimos dez anos.

Que tipo de consideração o São Paulo passou a ter no mundo da bola depois dessa conquista?

O São Paulo ficou conhecido no mundo inteiro depois daquele título. Só sinto que não tenha havido possibilidade, vontade e empenho em realizar excursões para amistosos internacionais. Não aconteceu praticamente nada depois que o time foi campeão do Interclubes. E isso deveria ter ocorrido. Estou empenhado para que isso volte a acontecer. O São Paulo tem exportado muitos atletas de primeira linha, que estão brilhando em equipes do exterior. Todos eles foram criados aqui. O clube tem uma marca que acho muito importante: todo mundo sabe que o atleta que sai daqui é competente, disciplinado e que tem um passaporte importante para brilhar no exterior. **Por Juliana Welling**

BATE-BOLA COM MARCELO MARTINES

Que balanço o senhor faz desses dez anos da conquista do título mais importante da história do clube?

Foi uma grande vitória do São Paulo e abriu as fronteiras para o clube. Internacionalmente mais conhecido, o São Paulo pôde se desenvolver não só na área esportiva como na comercial, no nome, na marca e nas condições econômicas.

O senhor acompanhou essa conquista de perto?

Estive lá nas duas partidas. Acompanhei porque fui não só para torcer, como também a trabalho. Era diretor de marketing naquela época e fui desenvolver novos mercados, como aconteceu de fato. Abrimos o São Paulo Tóquio Clube que não sei em que pé está. Tivemos contato com alguns dirigentes de grandes empresas do Japão. Mas, de qualquer forma, desenvolvemos um trabalho durante a nossa permanência em Tóquio e também aqui no Brasil com novos contatos. O SPFC levou farto material de propaganda para Tóquio para fazer relações públicas entre a torcida e, creio, tivemos grande êxito nessa tarefa. No dia do primeiro jogo, a maioria dos japoneses torciam para nós. Nosso folder de apresentação do Clube em toda sua grandeza, com textos em português, inglês e japonês, foi um sucesso.

Além de Raí e de Telê, o senhor destaca mais algum jogador?

Sem dúvida, o Toninho Cerezo, que inclusive convenceu o Telê a subir no campo de bombeiros que desfilou na festa da vitória, já em São Paulo. **JW**

não deu muita importância ao resultado. Jornalistas alegaram que o Barcelona ainda estava em período de pré-temporada. Para eles, o jogo que valia era o do final do ano em Tóquio, capital japonesa. É bom lembrar que, antes de embarcar para o Japão, cada jogador do Barcelona recebeu uma barra de ouro como incentivo pelo inédito título de Campeão Mundial Interclubes.

Exatamente à 1h24 da tarde do dia 9 de dezembro, o avião com a delegação tricolor tocou o solo do aeroporto de Narita, no Japão. Fazia muito frio e o dia estava nublado. Os atletas se ressentiam de dores no corpo, resultado de um vôo cansativo. No desembarque, afora bagagens e material de treinamento, sacos e sacos de alimentos, prova de que a diretoria são-paulina não dormiu em serviço. Diga-se de passagem, o clube poria em campo, mais uma vez, sua característica de organização que tanto incomodava os rivais. Tudo foi planejado e pensado para que o São Paulo disputasse aquele que era um título inédito para as equipes da capital paulista. Do Brasil, apenas Santos, Flamengo e Grêmio haviam sentido o sabor dessa conquista.

Já no Tokio Prince Hotel, os jogadores se preparavam para deitar-se quando receberam a notícia de que deveriam se trocar e acompanhar Moracy Santana, preparador físico do SPFC na época, para uma corrida em um parque próximo ao hotel. O intuito era minimizar os desagradáveis efeitos do fuso horário e adaptar o elenco ao clima japonês. Os atletas, sonolentos, enfrentaram uma garoa fina. E começaram ali sua adaptação para o grande embate. "O Moracy queria nos preparar para o fuso e conseguiu. Aos poucos veio a adaptação. Lembro que treinávamos perto do meio-dia lá. Ou seja, meia-noite no Brasil. O sol era baixo e pegava no rosto. Atrapalhava a visão. A tudo tivemos de nos adaptar. Já que essas seriam as condições da partida", relembra o goleiro Zetti, campeão com aquele maravilhoso esquadrão são-paulino.

TOKIO GAS

Distante mais de 40 quilômetros do hotel, o São Paulo utilizaria as dependências esportivas de um clube pertencente à companhia de gás da cidade de Tóquio. A equipe passaria todos os dias que antecederiam a final nesse lugar. Retornava ao hotel apenas para jantar e dormir. No Tokio Gas, como era conhecido, os jogadores treinavam, descansavam e almoçavam a comida preparada por dona Francisca Rodrigues, uma cozinheira brasileira residente no Japão.

INTERCLUBES

Para uma equipe disputar o Mundial Interclubes no Japão, é necessário que ela vença ou pelo menos fique nas primeiras colocações no campeonato nacional de seu país. A seguir, a equipe deve sagrar-se campeã continental e assim classificar-se para a disputa do Interclubes. Realizado desde 1960, o torneio reúne o vencedor da Taça Libertadores da América e o campeão da Liga dos Campeões Europeus. Até 1979, o título era disputado em dois jogos, nos campos dos respectivos participantes. A partir de 1980, a empresa automotiva Toyota comprou os direitos de patrocínio do evento e passou a realizar a disputa numa única partida no Japão.

Lá, os atletas se dedicaram a analisar com Telê o videotape do jogo contra o Barcelona, válido pelo Tereza Herrera. O experiente técnico mostrava a movimentação do ataque catalão, além de indicar brechas no sistema defensivo adversário.

Na hora do coletivo, o campo de beisebol era adaptado, para o time do São Paulo treinar, por uma equipe de garotos japoneses. Eles o preparavam com a eficiência nipônica em apenas dez minutos. Com o passar dos dias, a convivência com os bem-humorados brasileiros acabou por transformar esses meninos em fãs incondicionais do Tricolor.

Num desses dias, depois do almoço, os guerreiros são-paulinos foram descansar. Tendo de seguir o costume japonês para entrar no recinto destinado ao repouso, os jogadores deveriam retirar seus calçados. Quando alguns deles acabaram de fazer isso e já até estavam cochilando, discretamente a porta que dava acesso ao aposento de repouso foi aberta. Subitamente, o clima de tranquilidade foi quebrado com o disparo de um extintor de incêndio. Era o zagueiro Válber com mais uma de suas brincadeiras impagáveis. Sentindo-se satisfeito com o susto pregado nos companheiros, o defensor aliviou a pressão no dispositivo do aparelho para interromper a liberação do denso pó. Mas não conseguiu. Algum problema na válvula impedia que o extintor parasse de funcionar. Então os alarmes contra incêndio começaram a tocar. Em minutos, uma brigada de bombeiros chegou ao local, provocando uma grande confusão. Passado o incidente e depois de pedidos de desculpas por parte da co-

Cobrança perfeita: Raí
ajeitando a bola para
bater a falta decisiva



HUGO GALLO

missão técnica e do jogador, todos caíram na gargalhada.

ÀS VÉSPERAS DO ESPERADO CONFRONTO

Com a chegada do Barcelona à cidade, as atenções voltaram-se para o time catalão. Os diários praticamente davam como certa a vitória do clube espanhol sobre o brasileiro. Apesar de ter vencido a Libertadores e ter feito uma excursão vitoriosa pela Europa no meio do ano, o São Paulo era considerado uma equipe de pouca expressão internacional. "Eles (*jogadores do time espanhol*) chegaram para cumprir o papel de buscar o título. Mas essa visão foi ruim para eles porque motivou o São Paulo. Tiveram uma postura elitizada. Ficaram no hotel mais chique, tinham ônibus especial. O nível era realmente luxuoso. Eles eram a estrela do campeonato", recorda-se Fernando Casal de Rey, que, na época, era diretor de futebol do São Paulo.

Na quinta-feira, dois dias antes do esperado confronto, representantes do São Paulo e do Barcelona foram convidados a comparecer a uma entrevista coletiva com o patrocinador

do evento, a empresa japonesa Toyota. Afora o técnico Telê Santana, representando a delegação brasileira, estiveram presentes o craque Raí e José Eduardo Mesquita Pimenta. Do lado do Barcelona, ninguém. Somado ao fato de o técnico catalão ter dito em entrevista a um jornal japonês que nenhum jogador do time brasileiro mereceria marcação especial, tal desprezo, que foi não aparecer na coletiva, deu mais força ao Tricolor.

Johann Cruyff foi indiscutivelmente um dos maiores jogadores de futebol do mundo. Entrou para a história defendendo o próprio Barcelona, no início dos anos 70, e comandando a maravilhosa seleção holandesa de 74. Dono de uma habilidade fantástica e uma estupenda visão de jogo, o meia-armador da Holanda encantou o mundo com o Carrossel Holandês, apelido que o selecionado de seu país ganhou graças ao revolucionário esquema tático apresentado na Copa da Alemanha. Assim como Telê Santana em 1982, Cruyff viu seu sonho de tornar-se campeão mundial de futebol ruir. Suas pretensões desabaram na final da Copa de 1974, quando enfrentou um time muito in-

ferior, cujo futebol era feio e chato de ver. Tais características eram as marcas da seleção alemã.

Como técnico do Barcelona, o brilhante jogador mostrou-se eficiente ao levar o milionário time à conquista do Campeonato Europeu de Clu-

bes. Ele venceu o Werder Bremen, ironicamente uma equipe alemã. Na disputa do Mundial Interclubes, o estranho era que, com toda sua experiência, Cruyff não atentou para o fato de que, com sua recusa em participar da coletiva e suas declarações

O FIEL ESCUDEIRO DE TELÊ SANTANA

Fiel escudeiro do mestre Telê Santana, Valdir Joaquim de Moraes era treinador de goleiros e auxiliar técnico do São Paulo naquele começo dos anos 90. Colecionador de títulos desde jogador profissional, Valdir guarda as melhores lembranças do período em que ajudou o Tricolor a chegar ao topo do mundo. Um trabalho muito bem-feito, como ele gosta de frisar, que começava pela eficiente direção de Telê Santana e passava por uma equipe de jogadores brilhantes. "O título inédito foi produto de um trabalho de longo prazo. Foi uma conquista da programação, do equilíbrio emocional e técnico", afirma. Valdir entende que seu pupilo Zetti estava no auge da carreira e havia atingido o ponto máximo. "Tanto que defendeu um pênalti na Libertadores, na final contra o Newells Old Boys, que nos levou para Tóquio". Mas Valdir ressalta que aquele foi um ano bastante corrido para o time do Morumbi. "Depois de nos garantirmos na final do Interclubes, continuamos trabalhando duro. Tanto que deveríamos fazer a final lá e voltar para jogarmos a do Paulista contra o Palmeiras. O time vinha tão bem que ganhou o estadual contra o Palestra". Por todas essas conquistas e lembranças de trabalho, Valdir de Moraes não tem medo de dizer que adora o São Paulo e os anos em que viveu no clube. "Não vou esquecer jamais o que vivemos e o que ganhamos no Tricolor. Faz parte da minha vida e só engrandeceu meu currículo". **Por José Henrique da Cruz**

UM VITORIOSO NO GOL

Aos 37 anos, Armelino Donizete Quagliato, famoso mundialmente como Zetti, ainda mantém o mesmo porte altivo de quando era o guarda-metas do esquadrão tricolor. Seu pé tamanho 44 sustenta o corpo de 1,87 m, que hoje está apenas dois quilos acima do peso daquela época áurea: 92. Apesar do jeito tranqüilo, que denota a mesma serenidade de quando era titular do São Paulo, Zetti ri discretamente quando o assunto em pauta é a conquista do primeiro Mundial Interclubes de sua vitoriosa carreira. Ainda mantém seu visual de jogador. Cabelos curtos, bastante discreto. O primeiro nome que surge em sua cabeça é o do treinador Telê Santana. Não por acaso, é nele que o tetracampeão se espelha para seguir a carreira de técnico. "Ele veio preparando todo o elenco para a final de Tóquio. Sabíamos que o Barcelona tinha um time que era considerado o melhor do mundo, mas que não era imbatível. Tanto que ganhamos deles de por 4 a 1 no Torneio Tereza Herrera disputado lá na Espanha, no meio daquele mesmo ano", relata Zetti.

A ansiedade antes daquela partida era maior do que qualquer outra coisa. E, por incrível que pareça, Zetti se acalmava ouvindo rock pesado, ou melhor, acelerava seu espírito para entrar no ritmo do jogo. Como quase todo o elenco na longa viagem entre São Paulo e Tóquio, Zetti passou a maior parte do tempo dormindo e só acordou quando o avião fez escala em Los Angeles. "Chegamos ao Japão na segunda-feira à noite e a primeira coisa que fizemos, depois de estarmos no hotel, foi nos prepararmos para treinar. Foi um desembarque corrido para o roupeiro, o senhor Araújo, que teve de descarregar uma infinidade de malas e passar o material de treino aos atletas". No hotel, Zetti tratou de ligar rapidamente para sua esposa, Ana.

Na hora do confronto, Zetti acompanhava cada jogada. Ele orientava o meio-de-campo e a defesa para que o time não fosse pego de calças curtas. Assim mesmo, a equipe tomou um gol. Mas o empate, algum tempo depois, deu um outro ânimo ao SPFC. A vitória são-paulina era questão de paciência e persistência. De falta, numa jogada ensaiada, Raí foi ao topo do mundo. O craque da camisa 10 marcou e correu para o abraço mais emocionante da vida dos tricolores. "Até ali, aquele era o momento máximo do clube e da minha carreira", relembra Zetti. Então os são-paulinos presentes nas arquibancadas quebraram todos os protocolos a que os japoneses estavam acostumados nos jogos de futebol. Simplesmente, invadiram o campo para comemorar com os jogadores. Os seguranças do estádio tentaram conter a justa euforia dos campeões do mundo. Mas aquelas comemorações não podiam ser censuradas. As pessoas que pisaram no gramado queriam recolher alguma relíquia daquele jogo memorável. Zetti, por sua vez, guardou consigo todo o material que usou. Aliás, no último dia 25 de novembro, ele leilou a camisa que vestia na final contra o Barcelona e doou o dinheiro arrecadado a quatro fundações assistenciais, entre elas a Gol de Letra, do amigo Raí. Na realidade, foram leiloadas 300 camisas que ele colecionou ao longo da sua carreira de 22 anos, até mesmo as de outros clubes, que trocou com companheiros de profissão. Ao todo, conseguiu cerca de 50 mil reais para as instituições. E é claro que a peça arrematada pelo maior valor foi a camisa que usou na conquista do primeiro título mundial pelo São Paulo Futebol Clube, vendida por R\$ 4.100,00. "Foi bom fazer um Natal feliz para algumas pessoas que precisam. Até, por isso, valeu ser campeão mundial pelo São Paulo".

JHC



REPRODUÇÃO

desprezando a capacidade do São Paulo, estava enchendo de brio uma equipe determinada, que saiu do Brasil em busca da realização de um objetivo muito sério.

Nas poucas horas de folga, os são-paulinos saíam para passear e fazer compras. Na quinta-feira à tarde, andando pelo centro de Tóquio, alguns jogadores, entre eles o goleiro Zetti e o atacante Müller, cruzaram a delegação do Barcelona. Normalmente, companheiros de profissão se cumprimentam. Mas, naquele dia, em Tóquio, os tricolores foram ignorados pelos atletas do Barcelona.

O DIA D

Aquele domingo, 13 de dezembro, amanheceu com céu azul. Apesar do frio, alguns jogadores encararam o reaparecimento do sol como um bom presságio para o jogo que estava por vir. Telê estava particularmente agitado naquela manhã. Acalmou-se um pouco quando soube que Palhinha, centroavante do Tricolor que teve

febre durante a noite toda, estava bem disposto e havia garantido que jogaria. Café da manhã tomado, era hora de ir para o estádio. Durante o trajeto, alguns jogadores improvisaram um samba. Já o goleiro Zetti gostava de preparar-se para as grandes partidas ouvindo rock pesado. Em seu walkman, escutava bandas como Van Halen, Black Sabbath e Iron Maiden. No caminho, torcedores desejavam boa sorte gritando "kudassai". À medida que o ônibus se aproximava do Estádio nacional de Tóquio, a emoção aumentava. Era o jogo mais importante da história do São Paulo Futebol Clube até então.

Jogadores trocados, aquecimento feito, tensão no ar. Na boca do túnel, todos se abraçavam e faziam sua habitual oração. Coube ao capitão Raí dizer as últimas palavras para o grupo antes de o elenco pisar no gramado. Sob o olhar da comissão técnica, falou: "Vocês estão vendo que eles (atletas do Barcelona) têm tudo.

Várias regalias, bens materiais, luxo. Mas nós temos a nossa crença, a nossa amizade, a nossa união. E vamos ganhar esse jogo juntos". Esse pequeno discurso de incentivo teve um efeito além do imaginado.

Enquanto no Japão a equipe tupiniquim preparava-se para a batalha final, milhares de torcedores em São Paulo se dirigiam para a avenida Paulista a fim de acompanharem o jogo pelos telões instalados em frente ao prédio da Fundação Cásper Libero, tradicional local de comemoração de torcidas de futebol. A pouco mais de 100 quilômetros dali, na cidade de Campinas, uma famosa personalidade do esporte mundial também se preparava para torcer pelo Tricolor em um bar. O piloto Ayrton Senna, corintiano declarado, dizia-se tricolor naquela noite. O São Paulo era o Brasil.

O JOGO

Equipes em campo. Raí então cumprimenta o árbitro argentino Juan

Carlos Loustau. Em seguida, troca flâmulas com Koeman, líbero e capitão do time espanhol. Moeda para o alto. O São Paulo escolhe o campo. Então o Barcelona dá o pontapé inicial. O Tricolor vai de Zetti, Vítor, Adílson, Ronaldão, Ronaldo Luís, Pintado, Toninho Cerezo, Cafu, Raí, Müller e Palhinha. O poderoso time da Catalunha exibe sua opulência com Zubizarreta, Ferrer, Guardiola, Ronald Koeman, Bakero, Eusébio, Witschge, Amor, Michael Laudrup, Stoitchkov e Beguiristain. Apesar de maioria, a torcida do Barça não era dona do estádio. Em muitos lugares, grupos de torcedores tricolores tinham o reforço de fãs japoneses. Às 12h00, horário de Tóquio, Loustau apita. Agora é para valer. Início morno. O Tricolor parece um pouco melhor em campo. Mas, aos 12 minutos, em uma bola perdida no ataque, Stoitchkov domina livre na intermediária são-paulina. O zagueiro Adílson fica indeciso na marcação e o búlgaro bate. O sol atrapalha Zetti e a bola estaciona no fundo da rede. O banco do Barcelona vibra, enquanto o centroavante é abraçado por todo o time. O goleirão são-paulino reclama da marcação e Telê fica quieto, apenas mascando seu habitual chiclete. Raí e Müller dão a saída. O importante naquele momento era não se abater. E foi exatamente o que o São Paulo fez. Nos minutos seguintes, o Tricolor começou a pôr em prática seu maravilhoso jogo. Aos poucos, ia empurrando a equipe espanhola para seu campo.

Em uma falha do zagueiro Ferrer, Cafu roubou a bola e bateu para o gol, obrigando Zubizarreta a fazer uma providencial defesa. Esta seria a primeira de muitas que o frio arqueiro da seleção espanhola seria obrigado a fazer naquela tarde em Tóquio. Um minuto depois, Ronaldo Luís cruzou uma bola que, ao cair, ganhou velocidade em direção ao gol adversário. De novo, o goleirão interveio, espalmado para linha de fundo. Naquela altura, o SPFC mandava no jogo. Aos 25 minutos de partida, Cerezo entrou numa disputa de cabeça na intermediária tricolor. A bola sobrou para Pintado, que, com outra cabeçada, serviu a Palhinha. O dono da camisa 9 tocou para Müller disparar pela ponta-esquerda do ataque. Ele, porém, acabou por adiantá-la demais. Mas, na disputa com o baixinho Ferrer, aplicou-lhe um drible desconcertante antes de cruzá-la para a pequena área. Fazendo o papel de centroavante, Raí se jogou para frente. Conseguiu empurrar a bola com a barriga para dentro do gol. Do outro lado do mundo, a madrugada paulistana explodia num grito

O MOMENTO CAPITAL

Palhinha, camisa nove, sofreu falta. Müller então dirigiu-se para área. Afinal, ele poderia ser útil ali. Raí preparou a bola com carinho, observado de perto por Pintado, dono de uma raça pouco vista no futebol. Mal sabiam os jogadores que aquele lance guardava uma surpresa especial ao tricolores. Era o instante que antecedia o gol mais vibrado de toda a história do São Paulo Futebol Clube



★ ★ ★ ★
SPFC
10 ANOS
MUNDIAL
INTERCLUBES
1992
2002



10 ANOS DA CONQUISTA D

O GOLAÇO QUE ENTROU PARA A HISTÓRIA
Raí fez, de falta, o gol mais importante da história do São Paulo. Era o gol que, naquele momento, levava o clube para o lugar mais alto do futebol mundial, que o incluía entre os grandes times do planeta bola



1992

CO MUNDIAL INTERCLUBES



2002



**10 ANOS
MUNDIAL
INTERCLUBES
1992
2002**



HUGO GALLO

Garra: não havia bola perdida para os tricolores

vibrante, comemorando o mais esquisito de todos os gols da carreira de Raí. O alívio estava estampado no rosto dos jogadores brasileiros e sua torcida. O São Paulo não esmoreceu e colocou mais pressão. Queria a virada ainda no primeiro tempo. Correndo como um garoto em campo, Cerezo deu um toque magistral para Müller, que encobriu o goleiro. A bola ia entrando, mas Ferrer conseguiu salvar em cima da linha. Zubizarreta até cumprimentou seu parceiro.

A partida caminhava para o final do primeiro tempo, quando, num descuido do lateral-direito Vítor, o atacante Beguiristain venceu Zetti. Se não fosse uma intervenção milagrosa de Ronaldo Luís, de novo o Barça passaria o São Paulo no marcador. Fim de primeiro tempo. Nos vestiários, Telê não tem muito para recomendar aos jogadores, pois a equipe cumpriu seu papel direitinho: dominou o jogo, imprimiu seu ritmo.

O SEGUNDO TEMPO DA BATALHA FINAL

Começa a segunda etapa. Stoitchkov tentou repetir a dose, arriscando um chute da intermediária. O arremate, porém, saiu fraco, sem direção. Em seguida, Cruyff fez sua primeira alteração. Retirou Bakero e pôs Goicoechea. O jogador substituído saiu resmungando com o técnico holandês. O São Paulo apertou a marcação, criando várias chances de gol. Primeiro com Palhinha, depois com Cafu e, por último, com Müller. Nessas três investidas, a bola parou na barreira que atendia pelo nome de Zubizarreta, que, naquela altura, começou a tornar-se o herói do jogo. Praticamente, o ataque catalão já não existia. O Tricolor, entretanto, perdia muitos gols. E isso era preocupante. Até que, aos 31 minutos do segundo tempo, Palhinha dominou a bola a pouco mais de 5 metros da grande área do Barcelona e sofreu uma falta do volante Amor. O líbero Koeman reclamou com sua defesa pela falta de atenção. Raí não teve dúvidas. Partiu para bater. Havia um ano que a equipe esboçava uma jogada ensaiada que consistia em Raí tocar para Cafu, que apenas tirava a bola da linha da barreira para aí, sim, o capitão chutar para o gol. Detalhe: nunca tinha dado certo nos treinos. O camisa 10 tricolor pediu que Müller se posicionasse na área. Afinal, podia sobrar uma bola por ali. Mas Cafu avisou que eles iriam tentar a famosa jogada. Ventava muito no estádio nesse instante. E Cruyff se agitava no banco de reservas. Até o juiz livrar-se das habituais reclamações dos zagueiros espanhóis em relação à marcação da falta, passaram-se

POR ONDE ANDAM OS HERÓIS DA CONQUISTA

VÍTOR

O ex-lateral do Tricolor continua na ativa. O atleta defendeu, na Série B do Brasileirão 2002, o Jundiaí.

ADÍLSON

Está jogando pelo XV de Novembro de Campo Bom, do Rio Grande do Sul.

RONALDO LUÍS

O último time pelo qual atuou foi o Mamoré, de Minas Gerais. Agora, pretende ser técnico.

PINTADO

Jogou pelo Brasiense a Série C do Brasileirão 2002.

CAFU

O lateral-direito Cafu defende o Roma, da Itália, e sagrou-se pentacampeão com a seleção brasileira em 2002.

TONINHO CEREZO

Atualmente, é técnico de um clube japonês, o Kashima Antlers.

PALHINHA

Na temporada de 2002, atuou pelo Marília e pelo América-MG. Mas foi para o futebol árabe.

RONALDÃO

O zagueiro jogou o Brasileirão pela Ponte Preta, de Campinas, mas pretendia pendurar as chuteiras até o final de 2002 para ser técnico.

MÜLLER

Passou por todos os grandes clubes de São Paulo. Mas, hoje, está sem time e deve encerrar a carreira em breve.

ZETTI

Aos 37 anos, o goleirão da tornou-se técnico e se inspira no estilo do mestre Telê Santana.

RAÍ

Foi coordenador de futebol do São Paulo Futebol Clube em 2002. Mas deixou o cargo. Hoje, toma conta da Fundação Gol de Letra, fundada por ele o companheiro Leonardo, e participa do Grupo de Trabalho Especial (GTE).

quase três minutos. A barreira era formada por quatro homens. Como já havia sido combinado, Raí toca para Cafu, que apenas segura a bola para o próprio Raí emendar. E é gol! Dada a perfeição do chute, Zubizarreta nem vai ao encontro da bola. Ela entra no seu ângulo direito como se tivesse sido colocada com a mão. Um desenho se formou no ar. À 1h35 da tarde do dia 13 de dezembro de 1992, na longínqua e fria cidade de Tóquio, Raí de Souza Vieira de Oliveira marcou o gol mais importante de toda a gloriosa história do São Paulo Futebol Clube. O atleta então saiu correndo obstinadamente para comemorar com uma pessoa. Abraçado pelos companheiros, seu alvo estava a poucos metros e se chamava Telê Santana. O treinador abriu um delicioso sorriso ao abraçar seu capitão. Enquanto isso, a milhares de quilômetros dali, em pleno verão paulistano e de madrugada, a cidade estremecia com a virada. Era o

Tricolor dominando o planeta bola!

OS ÚLTIMOS MINUTOS

Faltando pouco tempo para acabar, Telê sentiu que o São Paulo precisava voltar ao jogo. Ao seu lado, Moracy Santana lhe avisou que havia apenas dez minutos. O Barcelona, abatido, ainda tentou lançar-se ao ataque. Para a torcida do São Paulo, entretanto, esses instantes derradeiros estavam levando horas, dias, semanas, meses para passar. A partir daquele momento, o que valia era o coração forte. E isso o time paulista tinha de sobra. Durante os cinco minutos finais, o esquadrão brasileiro segurou o ímpeto do Barcelona. Faltava muito pouco. Aos 40, o valente Toninho Cerezo cedeu lugar a Dinho. Com isso, o técnico são-paulino reforçou a marcação. Aos 44, o capitão Raí começou a suplicar pelo fim do jogo. Mas ainda existia tempo para Cafu prender a bola na ponta-direita do ataque tricolor. Loustau

então se aproximou do lateral. Experiente, Cafu pediu falta. Mas o árbitro foi mais enfático: pediu-lhe a bola. Finalmente, estava terminada a batalha. O sonho se tornou realidade. Os jogadores se abraçaram. Pintado chorou no centro do gramado. Zetti também não segurou a emoção e foi às lágrimas. Telê sorriu e foi abraçado por todos os atletas. Naquela altura, o campo já tinha sido invadido por torcedores. Enquanto isso, a capital paulista explodia em gritos de emoção. Eram os primeiros minutos de uma festa que duraria muito tempo para terminar e que teria como brilhante desfecho a vitória sobre o Palmeiras uma semana depois, garantindo mais um título paulista à fantástica coleção que, poucos dias antes, passava a ostentar o de campeão do mundo. Um ano depois, o SPFC repetiria o feito em cima do Milan. Mas essa é uma outra e fabulosa história.

No topo do mundo

TODOS OS CAMPEÕES DO MUNDIAL INTERCLUBES

Ano Campeão

1960 Real Madri (Espanha)
 1961 Peñarol (Uruguai)
 1962 Santos (Brasil)
 1963 Santos (Brasil)
 1964 Internazionale (Itália)
 1965 Internazionale (Itália)
 1966 Peñarol (Uruguai)
 1967 Racing Club (Argentina)
 1968 Estudiantes La Plata (Argentina)
 1969 Milan (Itália)
 1970 Feyenoord Rotterdam (Holanda)
 1971 Nacional (Uruguai)
 1972 Ajax Amsterdam (Holanda)
 1973 Independiente (Argentina)
 1974 Atlético de Madri (Espanha)

Vice-campeão

Peñarol (Uruguai)
 Benfica (Portugal)
 Benfica (Portugal)
 Milan (Itália)
 Independiente (Argentina)
 Independiente (Argentina)
 Real Madri (Espanha)
 Celtic Glasgow (Escócia)
 Manchester United (Inglaterra)
 Estudiantes La Plata (Argentina)
 Estudiantes La Plata (Argentina)
 Panathinaikos Athens (Grécia)
 Independiente (Argentina)
 Juventus Turim (Itália)
 Independiente (Argentina)

1976 Bayern de Munique (Alemanha)
 1977 Boca Juniors (Argentina)

Cruzeiro (Brasil)
 Borussia Monchengladbach (Alem.)

1979 Olimpia (Paraguai)
 1980 Nacional (Uruguai)
 1981 Flamengo (Brasil)
 1982 Peñarol (Uruguai)
 1983 Grêmio (Brasil)
 1984 Independiente (Argentina)
 1985 Juventus Turim (Itália)
 1986 River Plate (Argentina)
 1987 Porto (Portugal)
 1988 Nacional (Uruguai)
 1989 Milan (Itália)
 1990 Milan (Itália)
 1991 Estrela Vermelha (Iugoslávia)
 1992 **SÃO PAULO** (Brasil)
 1993 **SAO PAULO** (Brasil)
 1994 Velez Sarsfield (Argentina)
 1995 Ajax (Holanda)
 1996 Juventus Turim (Itália)
 1997 Borussia Dortmund (Alemanha)
 1998 Real Madri (Espanha)
 1999 Manchester United (Inglaterra)
 2000 Boca Juniors (Argentina)
 2001 Bayer de Monique (Alemanha)
 2002 Real Madri (Espanha)

Malmö FF (Suécia)
 Nottingham Forest (Inglaterra)
 Liverpool (Inglaterra)
 Aston Villa (Inglaterra)
 SV Hamburg (Alemanha)
 Liverpool (Inglaterra)
 Argentinos Juniors (Argentina)
 Steaua Bucharest (Romênia)
 Peñarol (Uruguai)
 PSV Eindhoven (Holanda)
 Atlético Nacional (COL)
 Olimpia (Paraguai)
 Colo Colo (Chile)
 Barcelona (Espanha)
 Milan (Itália)
 Milan (Itália)
 Grêmio (Brasil)
 River Plate (Argentina)
 Cruzeiro (Brasil)
 Vasco da Gama (Brasil)
 Palmeiras (Brasil)
 Real Madri (Espanha)
 Boca Juniors (Argentina)
 Olimpia (Paraguai)

*Nos anos de 75 e 78, não foram realizadas as partidas pelo Mundial Interclubes.

FOTOS REPRODUÇÃO



Os brasileiros fizeram a festa: a torcida quebrou todos os protocolos japoneses e invadiu o campo

LIBERTADORES 92

1ª Fase

Criciúma 3 X 0 São Paulo

San Jose 0 X 3 São Paulo

Bolívar 1 X 1 São Paulo

São Paulo 4 X 0 Criciúma

São Paulo 1 X 1 San Jose

São Paulo 2 X 0 Bolívar

Oitavas-de-final

Nacional 0 X 1 São Paulo

São Paulo 2 X 0 Nacional

Quartas-de-final

São Paulo 1 X 0 Criciúma

Criciúma 1 X 1 São Paulo

Semifinal

São Paulo 3 X 0 Barcelona

Barcelona 2 X 0 São Paulo

Final

Newell's Old Boys 1 X 0 S. Paulo

S. Paulo 1 X 0 Newell's Old Boys

NACIONAL DE 1991

Atlético Mineiro 0 X 3 São Paulo

Flamengo 1 X 0 São Paulo

São Paulo 1 X 2 Santos

São Paulo 1 X 0 Fluminense

São Paulo 2 X 1 Atlético - PR

Náutico 2 X 1 São Paulo

São Paulo 1 X 0 Bahia

Goiás 1 X 1 São Paulo

São Paulo 2 X 0 Grêmio

Bragantino 1 X 2 São Paulo

Palmeiras 0 X 0 São Paulo

São Paulo 1 X 1 Corinthians

São Paulo 1 X 0 Portuguesa

Vasco 2 X 2 São Paulo

São Paulo 2 X 0 Sport

Vitória 1 X 2 São Paulo

São Paulo 1 X 0 Botafogo

São Paulo 3 X 1 Cruzeiro

Internacional 1 X 0 São Paulo

Semifinais

Atlético - MG 1 X 1 São Paulo

São Paulo 0 X 0 Atlético - MG

Finais

São Paulo 1 X 0 Bragantino

Bragantino 0 X 0 São Paulo

(1) 特別即売版 B版 (昭和31年2月25日第3種郵便物認可)
12月14日(月) 1992年(平成4年)
中日新聞東京本社
東京都港区南青山2丁目3-13
〒106 電話: 63-2471-2211
郵便振替口座東京1-7527
©中日新聞東京本社1992

リネカーが見た特別寄



サンパウロ世界一

ライナー

トヨタカップ

ブラジルエース

だが優勝



FINAL DO MUNDIAL INTERCLUBES DE 1992

São Paulo 2 x 1 Barcelona

SÃO PAULO
Zetti; Vítor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Müller e Palhinha **Técnico:** Telê Santana

BARCELONA
Zubizarreta; Ferrer, Guardiola, Ronald Koeman e Bakero (Goicoechea); Eusébio, Witschge, Stoitchkov e Michael Laudrup; Amor e Beguiristain (Nadal) **Técnico:** Johann Cruyff

Gols Stoitchkov aos 13 min e Raí aos 26 min do primeiro tempo; Raí aos 34 min do segundo • **Cartões amarelos:** Ronaldão e Toninho Cerezo (São Paulo); Beguiristain, Ferrer e Goicoechea • **Juiz:** Juan Carlos Loustau (Argentina) • **Data:** 13/12/1992 • **Local:** Estádio Nacional (Tóquio/Japão) • **Público:** 60 mil pagantes

Pequena mostra do que a imprensa japonesa veiculou: o SPFC foi estampado nas páginas dos principais diários locais



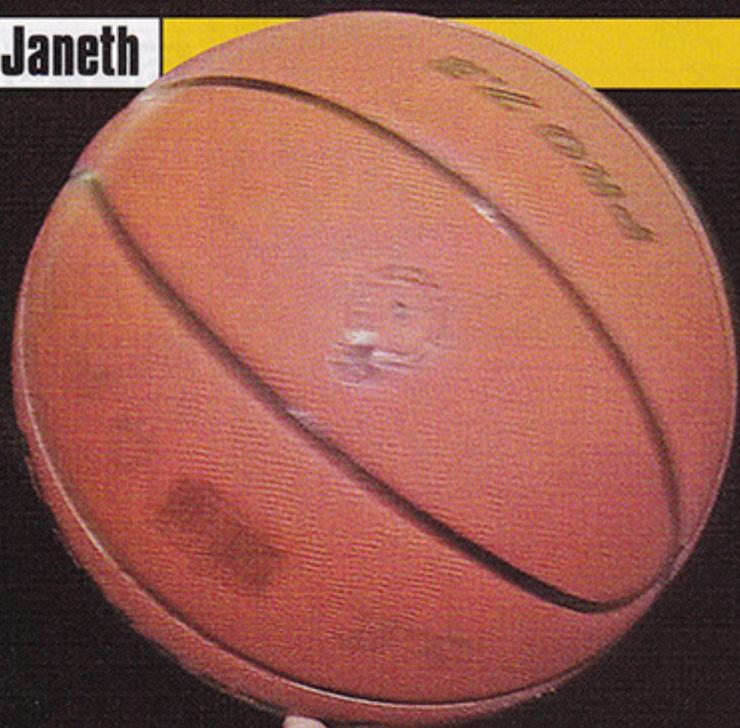
ESTRADA LONGA ATÉ O LUGAR MAIS ALTO
A aventura tricolor rumo ao campeonato mundial começou no dia 2 de fevereiro de 1991, em Belo Horizonte, Minas Gerais, contra o Atlético-MG. O jogo pelo Brasileirão teria, ao final, o resultado de 3 a 0 para o São Paulo. E foi um ótimo início para o que viria a ser o terceiro título brasileiro conquistado pelo time do Morumbi. As finais contra a valente equipe do Bragantino, na época dirigida por Carlos Alberto Parreira, foram marcadas por muita disputa. A vitória no primeiro jogo no Morumbi saiu dos pés do talismã Mário Tilico. Graças a seu gol, o Tricolor conseguiu reverter a van-

tagem do time do interior. E jogou com o benefício do empate em Bragança, interior de São Paulo, na segunda decisão. Com o resultado de 0 a 0, o SPFC, além de levar o título para o Morumbi, carimbou seu passaporte rumo à disputa da Taça Libertadores da América. Na época, essa competição contava apenas com duas equipes de cada país da América do Sul. Naquele ano, afora o São Paulo, que foi campeão brasileiro, o Criciúma, vencedor da Copa do Brasil, garantiu participação no mais importante torneio de futebol do continente americano. Nas tabelas da página ao lado, confira a trajetória do São Paulo no nacional de 91 e na Libertadores de 92.



O conselheiro Brasil Vita comemora o gol do título mundial em Tóquio

Janeth



Mão certa: em sua estréia com a camisa tricolor, Janeth marcou 26 pontos

Uma campeã no Tricolor

FOTOS RUBENS CHIRI

Atualmente integrando a equipe feminina do SPFC, Janeth guarda na bagagem algumas das conquistas mais importantes que uma atleta pode alcançar

Por Fernando Savaglia

O time de basquete feminino do São Paulo conta com um grande reforço para a disputa do campeonato nacional. Considerada uma das maiores jogadoras do planeta, Janeth Arcain, além de campeão mundial, medalhista olímpica por duas vezes com a seleção brasileira, também foi eleita a terceira melhor jogadora da WNBA em 2001, a liga americana de basquete feminino.

A ala da seleção e do Houston Comets vestiu a camisa do São Paulo/Guaru pela primeira vez no dia 26 de novembro. E deve disputar a liga nacional até seu encerramento, em 26 de janeiro. Sua estréia ocorreu contra o AD

Lages/Uniplac. O resultado? Vitória são-paulino pelo placar de 97 a 75. Janeth começou bem, marcando 26 pontos.

A contratação dessa brilhante jogadora fortalece ainda mais a equipe dirigida pelo técnico Alexandre Cato, que já contava com Erika, outra atleta da seleção brasileira e destaque do campeonato até o presente momento.

Um fato curioso da carreira de Janeth é que ela iniciou no esporte jogando voleibol aos 14 anos. Um ano depois, descobriu no basquete uma de suas maiores paixões. De lá para cá, foram títulos e mais títulos, coroadando uma das mais bem-sucedidas carreiras do esporte no Brasil. Com a seleção brasileira,



A jogadora conversando com o presidente são-paulino, Marcelo Portugal Gouvêa

A ala da seleção e do Houston Comets vestiu a camisa do São Paulo/Guaru pela primeira vez no dia 26 de novembro. E deve disputar a liga nacional até seu encerramento, em 26 de janeiro

sagrou-se campeã mundial na Austrália em 1994, numa emocionante final contra a poderosa seleção chinesa. Naquela oportunidade, foi eleita a melhor ala do mundial. Antes, Janeth deu sua contribuição à maravilhosa campanha brasileira que culminou na medalha de ouro, conquistada no Pan-americano de 91, em Havana, Cuba.

Para quem não se recorda, a equipe nacional foi reverenciada pelo próprio Fidel Castro, que teve de render-se a um time que contava com a categoria de Paula e Hortência. "Ganhar de Cuba em Havana, com a torcida contra, é uma sensação inexplicável", diz. Segundo a ala, porém, foi a medalha de prata conquistada nas Olimpíadas de Atlanta, em 1996, que representa o maior feito na sua brilhante saga. "Apesar de termos perdido o jogo final, sabíamos do poderio da seleção americana e como dentro de casa ela se torna praticamente imbatível. Ainda assim, mesmo com uma certa frustração de não termos conquistado o lugar mais alto do pódio, foi muito emocionante", revela.

A PRIMEIRA BRASILEIRA A JOGAR NA WNBA

Em 1997, Janeth foi a primeira brasileira convidada para jogar na elite do basquete mundial. Contratada pela equipe texana do Houston Comets, a atleta se sagrou tetracampeã no mais disputado campeonato que existe. Ela conquistou os títulos de 97, 98, 99 e 2000. E, apesar de ter tido uma certa dificuldade de adaptação no primeiro ano, pelo fato de não dominar o idioma inglês, hoje tem uma grande legião de fãs norte-americanos. A jogadora já confirmou presença na que será sua sétima temporada americana, que começa

em 28 de maio e se encerra em 2 de setembro. "Acaba dando para conciliar tranquilamente. Porque, nessa época, não é disputado nenhum campeonato de expressão por aqui. Portanto, dá tempo de voltar e jogar o nacional". Quanto ao nível técnico da liga americana, a ala explica que é impressionante a estrutura do basquete feminino. "Os jogos têm uma média de 9 mil espectadores. Acredito que a WNBA, em alguns anos, chegue perto do que é sua versão masculina".

Durante os meses em que fica no Brasil, Janeth mora em Santo André, cidade onde inaugurou seu Centro de Formação Esportiva Janeth Arcain (CFE), destinado a ensinar o basquete para garotas que vêm de todo o Brasil em busca da orientação da supercampeã.

JANETH DOS SANTOS ARCAIN

Nascimento:

11/04/1969

Local: Carapicuíba

Signo: Áries

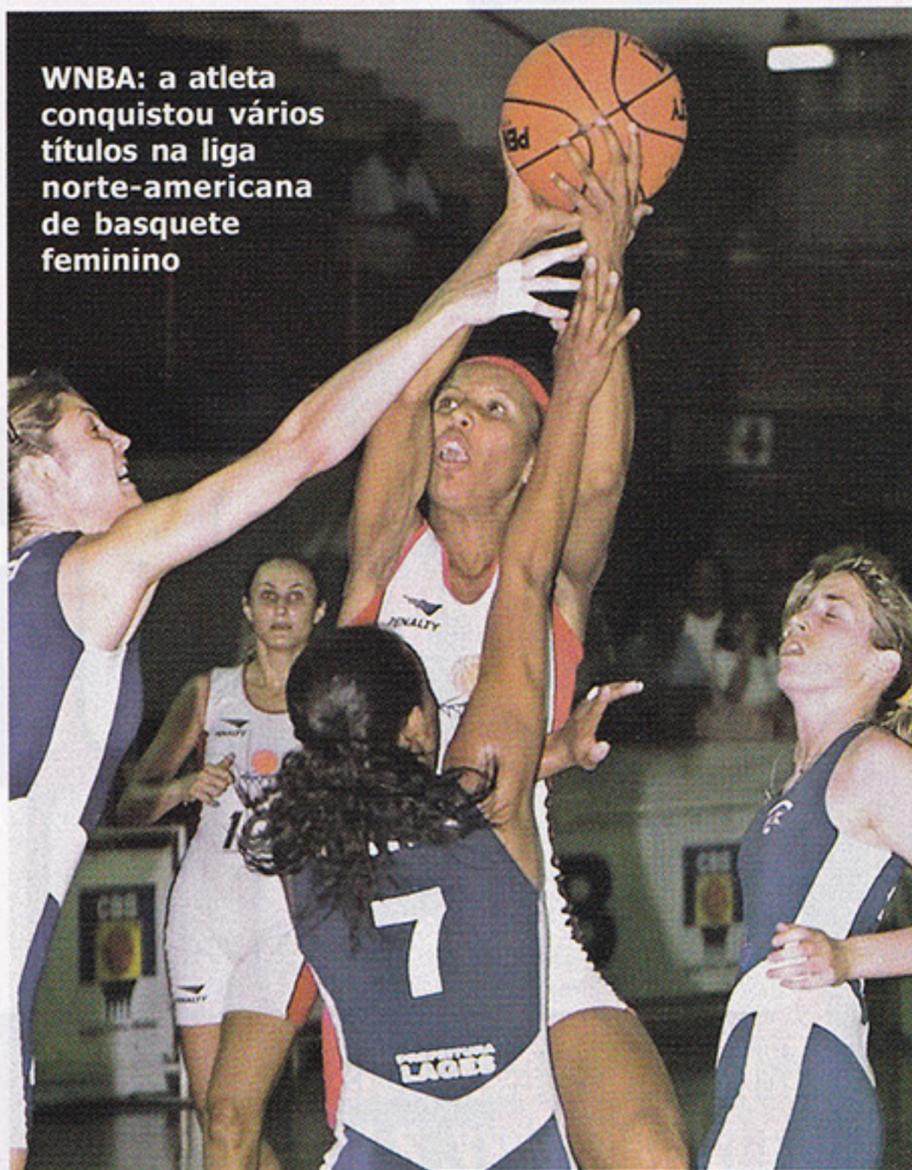
Altura: 1,80 m

Peso: 67 quilos

"Sempre tive esse sonho de montar um lugar em que pudesse passar minha experiência às atletas iniciantes. Inauguramos em fevereiro de 2002 e nosso trabalho aqui é para que as garotas dessa geração não tenham de passar pelas dificuldades que a minha geração passou quando começamos".

Graças às conquistas da seleção brasileira e de sua grande performance no basquete norte-americano, o número de garotas interessadas em seguir os passos de Janeth vem aumentando consideravelmente. "Hoje, temos grandes jogadoras com idade apropriada para servir à seleção por mais 10 anos. O importante é não deixar ficar um vácuo entre uma geração e outra", aconselha. Quanto à sua contratação pelo São Paulo, Janeth se diz muito feliz por um clube tradicional do futebol, com enorme torcida, investir no basquete. "Acho muito legal. Pois faz o próprio clube atrair muito mais praticantes, o que acaba ajudando o basquete brasileiro".

WNBA: a atleta conquistou vários títulos na liga norte-americana de basquete feminino



PRINCIPAIS TÍTULOS E PRÊMIOS

Eleita 3ª melhor jogadora da WNBA em 2001
 Premiada como jogadora que mais evoluiu na WNBA 2001
 Titular do jogo das estrelas WNBA em 2001
 Medalha de bronze nas Olimpíadas de Sydney em 2000
 Número 1 em cesta e recuperação de bola nas Olimpíadas de Sydney em 2000
 1ª Cestinha da Olimpíada de Sydney em 2000
 Uma das cinco melhores jogadoras do século no Brasil em 2000
 Integrante da seleção de ouro 1999/2000
 Uma das cinco melhores jogadoras do mundo em 99/2000

CAMPEÃ REGIONAL 97/98/95/94/89/88/87/86/85
CAMPEÃ DOS JOGOS ABERTOS 99/98/95/92/91/86
CAMPEÃ CARIOCA 2000
MELHOR ATLETA BRASILEIRA PELO COB 99
MELHOR JOGADORA FPB 99
CAMPEÃ PAULISTA 95/91/86
CAMPEÃ BRASILEIRA 2001/99/91/90/88/87/86
CAMPEÃ SUL-AMERICANA 99/90/88/87/86
TETRACAMPEÃ DA WNBA 2000/99/98/97
CAMPEÃ SUL-AMERICANA SELEÇÃO 95/93/91
CAMPEÃ PAN-AMERICANA SELEÇÃO 91
CAMPEÃ MUNDIAL SELEÇÃO 94
CAMPEÃ MUNDIAL DE CLUBES 92/91
CAMPEÃ DO TORNEIO CRISTAL PALACE 88/86
VICE-CAMPEÃ OLÍMPICA ATLANTA 96
MELHOR JOGADORA DAS CATEGORIAS MIRIM E ADULTA DE 83 A 93
2º CESTINHA BRASILEIRA NAS OLIMPÍADAS DE BARCELONA EM 1992
MELHOR JOGADORA DO MUNDO EM SUA POSIÇÃO NA AUSTRÁLIA EM 1994

Paixão Tricolor

Bonequinha tricolor

Capa da edição mais vendida da revista *Sexy*, a modelo Mari Alexandre garante que o SPFC faz parte de sua vida

Por Juliana Welling

Todo mundo sabe que o São Paulo Futebol Clube tem várias torcedoras ilustres e bonitas. E, para completar o time das belezas, a modelo e atriz Mari Alexandre rompeu com a tradição flamenguista de sua família para tornar-se são-paulina. Nesse caso, a tão reprimida atitude de "virar a camisa" se transformou em uma dádiva para o time paulista. Afinal, muitos torcedores devem ter ficado contentes com a notícia. No entanto, toda essa história não teria acontecido se não fosse a ajuda, é claro, de uma são-paulina roxa. Pois foi uma amiga de Mari que tomou a iniciativa de arrastá-la ao Morumbi. "Tenho uma amiga que é louca pelo São Paulo. Ela ia aos jogos e começou a me levar junto. Então virei são-paulina por causa dela".

Mas o amor ao time pôs Mari em algumas situações embaraçosas. Ela se lembra que foi assistir a um jogo entre São Paulo e Palmeiras e, inocentemente, colocou um

"modelito" não muito apropriado. Trajava calças vermelhas e blusa preta. Talvez fossem as raízes "flamenguistas" que insistiam em levá-la de volta. Como era esperado, os alviverdes não gostaram muito da idéia. "Lembro que deixei o carro na rua aquele dia. E entrei no estádio com meus primos e essa minha amiga. Mas os palmeirenses quiseram me pegar. Saí correndo feito uma louca, com muito medo", recorda-se. Essas aventuras, porém, hoje estão apenas no passado. De acordo com ela, apesar de o coração ser vermelho, branco e preto, a paixão pelo time está mais calma. "Torço, mas não sou fanática, daquelas que sabem tudo o que está acontecendo. Já fui bem mais, mas hoje estou tranqüila".

Mari também lembra dois jogadores que disse ter visto bastante em campo: Leonardo e, obviamente, Raí. "Quando ia aos jogos, eles ainda estavam no time". Atualmente, a modelo destaca Kaká, bom em campo e também bonito. "Além do Leonardo, o Kaká

é uma gracinha", confessa. Para quem acha que Mari não entende nada de futebol, uma surpresa. A loira chegou a participar de um time formado apenas por modelos na década de 90. Na época, o grupo ganhou bastante repercussão. E não foi para menos. "Jogava futebol em um time do qual até a Milene, esposa do Ronaldinho, participava. Nossa equipe foi a primeira constituída só por modelos. E, por isso, fomos a vários programas televisivos divulgar nosso trabalho", conta. "Viajei pelo Brasil todo ao lado de Monique Evans e várias garotas que foram capa da revista *Playboy*. Nos finais de semana, também participávamos de eventos em danceterias e festas".

CAMINHO LIVRE PARA O SUCESSO

Apelidada de Mari - com "i", ressalta a moça - pela *Playboy*, a modelo diz que, desde criança, tinha vontade de seguir a carreira artística. "Se não conseguisse, seria jornalista", confessa.

Mas saibam que ela começou cedo. Em 1986, então com 13 anos, já fazia desfiles em sua terra natal, Santa Catarina. No início da década de 90, mudou-se para São Paulo e trabalhou como secretária em uma produtora de vídeo. Mesmo sabendo que nada cai do céu, Mari ganhou um presente dos deuses. Logo nos primeiros dias na cidade, recebeu um convite tentador e irrecusável. "Quando cheguei aqui, o primeiro trabalho profissional que fiz foi a capa da revista *Playboy*. Aconteceu muito rápido. Nos primeiros dias em São Paulo, fui assistir a um programa da Hebe e lá me fizeram a proposta. As fotos saíram em abril de 1992 e, a partir daí, comecei a trabalhar", recorda.

A carreira de Mari então decolou. Ela começou a participar de comerciais, foi a Garota do Fantástico e, de 1998 até 2001, atuou no quadro humorístico Escolinha do Barulho, da Rede Record, em que era a Marilyn Brasil.

Por falar nisso, a loira também ficou conhecida em virtude de sua



MARILEI REGINA ALEXANDRE

Nascimento: 19/03/1974
Local: Santa Catarina
Signo: Peixes
Altura: 1,63 m
Peso: 55 quilos

Trabalho: Mari foi garota do *Fantástico*, participou da *Escolinha do Barulho* e brilhou na *Casa dos Artistas*



semelhança física com Marilyn Monroe, musa que até hoje abala os corações dos homens. "Desde que cheguei a São Paulo, as pessoas sempre me acharam parecida com ela. Por isso, já fiz fotos para capas de revistas e outros trabalhos imitando a Marilyn. Aí, virei fã, né?", brinca.

Quando a modelo esteve na *Casa dos Artistas*, no início de 2002, fez uma homenagem à diva. Vestida a caráter, ela cantou o tão popular "Happy Birthday". Mas Mari dá risadas do erro de dicção na hora da performance. "Foi engraçado porque, em vez de cantar 'Happy Birthday', cantei 'Happy Birsday'. Foi ridículo".

SOLTEIRA, DECIDIDA E BEM COTADA

Mari conta que a experiência na *Casa dos Artistas* foi inesquecível. Além de enfrentar uma situação sozinha e, principalmente, lavar a alma, a modelo diz que saiu de lá melhor do que antes. "Era muito dependente da pessoa com quem estava, dos meus pais, da minha

família, dos meus amigos. Hoje estou mais segura. Agora sei falar 'não' sem ficar na dúvida", garante. E a loira está mesmo decidida. Em outubro, resolveu posar nua para a *Sexy* em comemoração aos dez anos da publicação. Resultado? Foi a edição mais vendida da história da revista. Tempos atrás, a modelo declarou que não faria mais esse tipo de trabalho. Ela disse, entretanto, que gostou bastante da proposta porque a idéia foi diferente. "No começo, posava mais para aparecer. Agora, fiz por causa da proposta. Não era a minha intenção sair novamente. Há seis anos não posava nua. Mas a revista *Sexy* estava completando dez anos e eu sempre fui muito bem tratada por eles", explica. "A edição era especial e o trabalho foi bacana. Pude pedir o maquiador de quem gostava, escolher o lugar. Ou seja, foi algo bem diferente das outras vezes". E por que a revista vendeu tanto? Além da beleza, Mari comenta que o fato de ter recusado propostas anteriores despertou a curiosidade

de das pessoas. "Fiquei praticamente quatro anos e meio casada. O homem com quem estava não queria que eu fizesse esse tipo de trabalho. Acho que isso despertou um pouco a curiosidade das pessoas. Pois já havia sido convidada para outros trabalhos e não aceitei porque estava namorando", diz. "Principalmente depois da *Casa dos Artistas*, fiquei mais conhecida. As pessoas passaram a conhecer melhor a Mari Alexandre". Hoje, a modelo afirma que a mania dos celulares foi reduzida pela metade. "Agora tenho apenas dois". Tempos atrás, ela chegou a manter quatro aparelhos e conta que sempre gostou da extravagância. "Mas era importante para diferenciar as ligações profissionais das pessoais", argumenta. Quanto aos projetos futuros, Mari poderá ter o tão desejado programa de tevê, provavelmente dedicado ao público jovem. "Estou batalhando por isso. Se não conseguir logo, vou viajar e ficar um tempo estudando inglês em Los Angeles".

CHUTANDO DE PRIMEIRA

Estilo: Básico
Prato preferido: Sushi
Balada: Sair para jantar com meus amigos e dar risada
Esporte: Musculação
LUGAR: MINHA CASA
Sonho: Conseguir fazer tudo aquilo que tenho em mente
Realização: Programa de TV
Livro: *Ninguém é de Ninguém*
Filme: *À Espera de Um Milagre*
Uma música: Todas do Luís Miguel
Namorado: Não tenho
O homem ideal deve sempre: Me respeitar, respeitar meu trabalho, me ajudar, estar sempre do meu lado para o que der e vier
Símbolo sexual: Luís Miguel
Família: Tudo, meu alicerce
Amigos: Tenho poucos, mas bons
Um sentimento: generosidade
O SÃO PAULO É: MEU TIME DE CORAÇÃO



Nenê e Vanderley



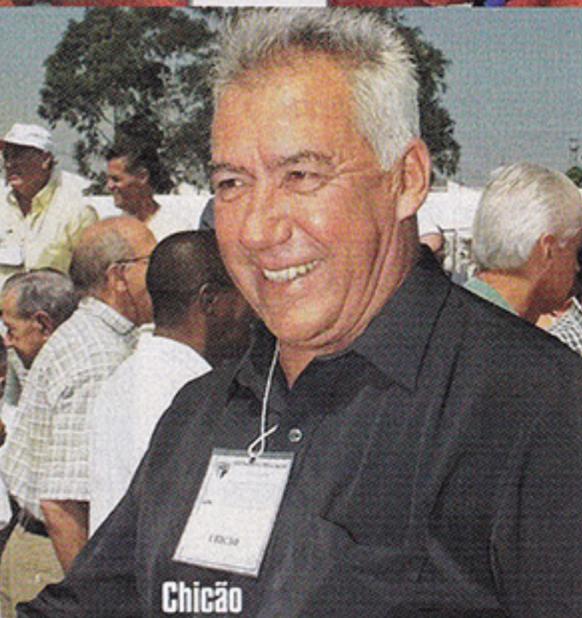
**Bibe
nunca
foi expulso**



Gino e Bauer



Laudo Natel e Leivinha



Chicão



Osvaldo Cunha, Baba e Nerival

Encontro histórico

Numa iniciativa inédita no futebol nacional, os maiores craques de todos os tempos do Tricolor paulista se reuniram no CCT da Barra Funda num evento emocionante

Por Ana Carolina Coutinho

Sua seleção tricolor costuma ter jogadores de todas as épocas, nas mais variadas posições? Ela mistura atletas dos anos 40 com os de hoje? Não se preocupe, você não foge à regra. Vamos supor que seu time ideal tenha o goleiro Valdir Perez (década de 70), os laterais De Sordi (50) e Alfredo Ramos (40) e os zagueiros Dario Pereyra (anos 80) e Roberto Dias (60/70). No meio-de-campo, Raí (80/90), Pedro Rocha (70) e Bauer (40/50). Na frente, Terto (60/70) e Serginho Chulapa (70/80). Parece impossível pôr todos esses jogadores em campo, não é? Acho que não!

No último dia 9 de novembro, no Centro de Treinamento da Barra Funda, ocorreu o encontro que marcou a história do futebol brasileiro. Em pleno gramado, estavam os craques acima e mais de 150 jogadores para formar qualquer

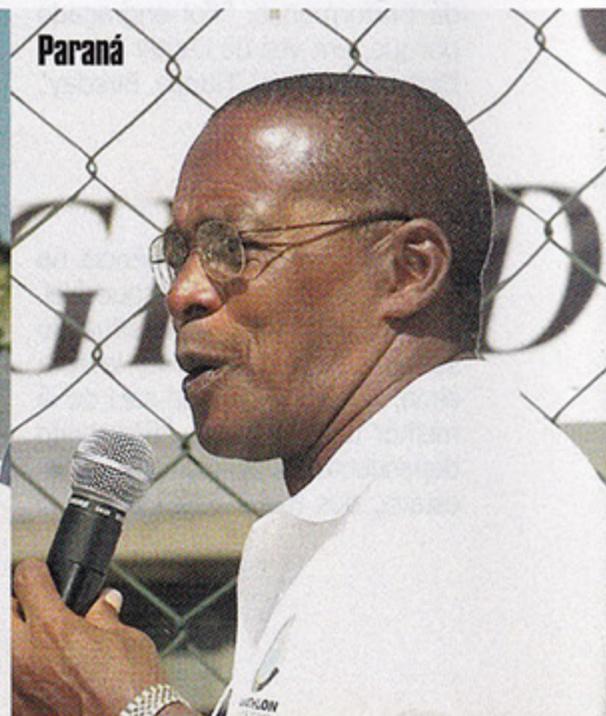
esquadrão desejado. Quer sugestões? Que tal Gino (50/60) e Edu Bala (70) na frente? Ou então Dino Sani (50/60) e Chicão (70) no meio? Pode escolher, eles estavam lá. Todos juntos. Como num sonho.

A iniciativa desse encontro partiu de um grupo de conselheiros e diretores do clube que, há seis meses, vinham viabilizando sua realização. De acordo com os organizadores do evento, foram selecionados 250 ex-atletas para a comemoração. Destes, 200 foram localizados e apenas 30 não puderam comparecer por motivos de trabalho ou saúde.

A festa rolou em clima interestadual. Antenor, ex-lateral-esquerdo e campeão brasileiro em 1977, veio de Belo Horizonte. Já Vanderley, da década de 70, viajou de Santa Catarina. E até mesmo Picasso, grande goleiro dos anos 60, deslocou-se de Porto Alegre somente para rever seus amigos e encontrar ídolos de antes e depois.



**Peixinho
estreou
a rede do
Morumbi**



Paraná

GLÓRIAS DO PASSADO

Defesas históricas, dribles fenomenais e gols, muitos gols, marcaram a vida de cada um dos convidados ilustres. Sem dúvida, a contribuição desses mestres da bola ao futebol são-paulino e mundial não tem preço. E a maneira encontrada para homenageá-los e retribuir toda arte com a qual eles nos agradeceram veio com o "passe livre." Em discurso feito pelo presidente do SPFC, Marcelo Portugal Gouvêa, os ex-atletas souberam que terão acesso aos jogos do São Paulo no Morumbi. A carteirinha veio acompanhada de

CONFIRA ALGUNS DOS CRAQUES QUE ESTIVERAM PRESENTES NESSE EVENTO

DÉCADA 40

Azambuja, Bauer, Renato e Pirani

DÉCADA 50

Gino, Dino Sani, Turcão, Bertolucchi, Alfredo Ramos, Sarará, Bibe, Nenê, De Sordi, Haroldo e Wilzo Neri

DÉCADA 60

Paraná, Deleu, Picasso, Vilazzio, Roberto Frujuelo, Roberto Dias, Terto, Peixinho, Célio, Babá, Bazaninha e Baiano

DÉCADA 70

Valdir Perez, Daryo Pereira, Sérgio Valentim, Vanderley, Antenor, Pedro Rocha, Zé Sérgio, Serginho Chulapa, Abelha, Agnaldo, Alan, Edu Bala, Chicão, Arlindo, Oswaldo Cunha, Pedro Rocha, Leivinha e Nondas

DÉCADA DE 80

Pita, Sidney, Nelsinho, Paulo César Capeta, Renato, Casagrande, Vizolli, Silas, Wagner Basílio, Walter Zum-Zum, Lê e Fonseca

DÉCADA 90

Raí, Zé Teodoro, Pintado, Ronaldo Luís, Ivan e Amarildo

uma camiseta e um boné comemorando a data do encontro. "Enquanto outros times tão grandes quanto o São Paulo proíbem os jogadores de entrarem em suas dependências, este faz completamente o contrário. No Brasil, é a primeira vez que vejo um clube reconhecer as pessoas que trabalharam para ele," disse Casagrande, craque que passou pelo Tricolor em 1984.

A homenagem começou às 9h30 e, além da palavra do presidente, houve o hasteamento da bandeira são-paulina pelo ex-governador do Estado e ex-presidente do São Paulo Laudo Natel. Os convidados iam chegando e sendo encaminhados ao campo de treino principal. Após a abertura, houve a realização da foto histórica dos craques presentes.

Depois da pose para uma legião de fotógrafos, começou a descontração. Não existia diferença entre gerações, todos se conheciam. Todos eram ídolos e idolatrados. Uma atmosfera de emoção tomou conta da festa. Companheiros de profissão se reencontravam depois de 20, 30 anos. Abraços, olhos marejados e saudades daqueles que partiram ou não puderam comparecer. "Hoje estou ao lado de jogadores que fizeram história aqui dentro. É emocionante estar com homens que via do alambrado. O presidente foi muito feliz em realizar essa reunião", opinou Serginho Chulapa, um dos principais artilheiros da história do clube.

A confraternização seguiu até o fim da tarde. O almoço foi um churrasco suprido de 450 quilos de carne. As bebidas se dividiram entre duas mil latinhas de cerveja, refrigerantes e copos de água. E ainda teve uma banda que divertiu os participantes com muito pagode. "O churrasco não é o importante, o que vale é encontrar os amigos", explicou Bibe, que jogou em um dos mais importantes es-

BATE-BOLA COM RAÍ



Reunião com três dos maiores artilheiros: Raí em 9º, com 128 gols; Gino em 2º, com 232 gols; e Serginho em 1º, com 242 gols

FOTOS RUBENS CHIRI

COMO SE SENTIU PARTICIPANDO DESSA COMEMORAÇÃO?

É uma honra estar perto dessas pessoas que fizeram a história do SPFC. Já peguei uma história mais recente, mais fácil, com toda a estrutura montada e foram eles que ajudaram a construir. Tem de ter algo reservado de reconhecimento para essas pessoas porque tudo que temos hoje, toda alegria, deve-se a eles também.

VOCÊ FOI MUITO ABRAÇADO POR JOGADORES ANTERIORES À SUA ÉPOCA, COMO SE SENTIU?

Verdade. Tem alguns que vi jogar que são meus ídolos, a quem pedi foto e autógrafo. Outros de que ouvi falar muito, mas ainda não havia conhecido pessoalmente. Eles construíram tudo isso para o clube. Acho que, como participei de uma época vitoriosa, eles se viram um pouco em mim, por ser um pouco parte do SPFC e ter conquistando todos aqueles títulos.

QUEM FOI O MAIOR ÍDOLO QUE ENCONTROU AQUI?

Renato. Ele foi um dos grandes que acompanhei de perto. Serginho Chulapa, também, só que, na época, joguei contra; e Pedro Rocha, que foi meu treinador num momento importantíssimo da história do clube.

quadrões tricolores. Com Poy, De Sordi, Mauro, Ruy, Noronha e muitos outros que ajudaram na consolidação vitoriosa do clube. Esse evento deve ocorrer anualmente. Assim se tornará uma tradição, porque foram os jogadores que passaram pelo Tricolor que fizeram dele o grande São Paulo Futebol Clube de hoje. De acordo com o presidente, Marcelo Portugal Gouvêa, poderá até haver jogos nos próximos encontros, já pensou? Aguarde.

ORGANIZADORES DO EVENTO

- Ayrton Fernandes
- Alves - Presidente da Comissão
- José Anselmo Braz Acras - Secretário da Comissão
- COORDENADORES**
- Antonio Luiz Belardo
- Carlos Garcia Fernandez Varela
- Edna Dutra
- Irineu Faria
- Rui Branquinho
- Kalef João Franciso Neto
- Rute B. Kalef Francisco

Foto histórica com os craques que foram ao CCT em 9 de novembro



→ O SPFC conquistou 30 pontos seguidos numa sequência de dez vitórias incontestáveis, superando os elencos de 83 e 86

Quebra de recordes

Na primeira fase do campeonato, o São Paulo sobrou em campo. O time quebrou recordes e, assim, entrou para a história do clube. Mas, em virtude do mata-mata das quartas-de-final, ficou fora das partidas decisivas

Por Carlos Mesquita

O São Paulo foi o clube que mais investiu para disputar o Brasileirão 2002, um dos torneios mais difíceis do mundo. Ao longo do ano, foram se juntando ao grupo profissionais do calibre de Oswaldo de Oliveira, Ricardinho e Jorginho Paulista. A diretoria, que assumiu no primeiro semestre de 2002, encabeçada por Marcelo Portugal Gouvêa, desde o início mostrou seu desejo de ver rapidamente o SPFC campeão de novo e de volta à Libertadores da América, o que, por muito pouco, não aconteceu.

NO COMEÇO, SÓ ALEGRIA

E a máquina começou arrasadora, repetindo uma marca alcançada somente em 1978. O Tricolor venceu suas três primeiras partidas, que foram diante do Paysandu, Gama e Paraná. Isso era apenas uma prévia do que ocorreria no decorrer do campeonato. Com um ataque infernal, conduzido pelo jovem Kaká, o SPFC disparou goleadas homéricas para cima de vários adversários. Entrosados, Luís Fabiano e Reinaldo aterrorizaram defesas. O Fluminense, por exemplo, tomou seis, a Ponte Preta levou cinco e a Portuguesa, três.

A consequência desse futebol ofensivo é que o Tricolor terminou a fase de classificação disparado na liderança. A equipe ficou isolada na frente, chegan-



Kaká jogou muita bola contra a Ponte: fez várias assistências e ainda marcou o quinto gol

FOTOS RUBENS CHIRI

FASE DE CLASSIFICAÇÃO

	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
SÃO PAULO	52	25	16	4	5	57	35	22

PG (pontos ganho) J (jogos) V (vitória) E (empate)
D (derrota) GP (gols pró) GC (gols contra) SG (saldo de gols)

do à marca de 52 pontos. Mas, para conseguir essa proeza, não foi fácil.

NÚMEROS QUE IMPRESSIONAM

Sempre de forma aguerrida, refletindo a garra e a raça de seus jogadores, o São Paulo conquistou 30 pontos numa sequência de dez vitórias incontestáveis. Superou, dessa forma, os recordes dos elencos de 83 e 86, que haviam conseguido oito sucessos consecutivos. Esse feito, é

claro, imediatamente entrou para a história do clube. Das 25 partidas disputadas, o time do Morumbi ganhou 16, empatou quatro e perdeu apenas cinco. Com todos esses resultados, o índice de aproveitamento do São Paulo, segundo o *Diário Lance!*, foi de 69,3%. O rendimento tricolor foi muito bom. O time marcou 59 gols e Luís Fabiano disparou na artilharia. O jogador balançou a rede 19 vezes. Reinaldo também se destacou, fazendo 12.

MAS O REGULAMENTO...

Havia, porém, um obstáculo bastante perigoso pela frente, que poderia complicar a vida dos são-paulinos. Se você pensou no Santos, enganou-se redondamente. O grande vilão do "Tricolor" foi, na realidade, o regulamento. Todos, obviamente, sabiam dele e concordavam com o texto. Mas, ainda assim, ficou um sabor de injustiça no ar. Como pode um time com uma campanha tão brilhante não seguir no torneio? Eis aí uma das falhas do famoso "mata-mata". Se, por um aspecto, ele proporciona mais emoção na fase final, por outro é injusto. Pois desconsidera todo o retrospecto positivo da equipe que se manteve na ponta de cima da tabela. Emerson Leão, técnico do Peixe, fez uma observação ao final da segunda partida de seu time com o Tricolor: "Preciso dizer que, qualquer que fosse a equipe eliminada aqui, seria uma injustiça. Para o bem do campeonato, o melhor seria que os dois continuassem. Mas quis o destino

que o São Paulo como o primeiro e o Santos como oitavo se encontrassem aqui hoje", disse.

A equipe da Vila Belmiro, vencendo o São Paulo duas vezes seguidas, conquistou seis pontos. Nem assim, porém, aproximou-se da pontuação que o Tricolor obteve. Quer dizer que, se o regulamento fosse diferente e valesse a soma de pontos corridos, o São Paulo teria uma boa vantagem sobre seus adversários nos últimos jogos. Mas...

➔ Diante de Ponte Preta e Vasco da Gama, a equipe são-paulina superou todos os seus limites. O Tricolor **GANHOU DE VIRADA** as duas partidas

MATA-MATA

Muito comum em Copas do Mundo e européias. Na fase final, os pontos corridos que foram conquistados na etapa anterior deixam de ser contados. Em jogos de ida-e-volta, classifica-se o time com melhor resultado. Vale lembrar que, em alguns torneios, como nas Copas do Mundo, ocorre apenas uma partida. O cruzamento das equipes é feito da seguinte forma: os primeiros colocados disputam com os últimos da fase de classificação.

X

PONTOS CORRIDOS

Método mais simples que deixa em situação confortável a equipe com maior número de pontos ao longo do campeonato. É bastante usado nos torneios nacionais de alguns países europeus como Itália e Espanha. Por conta disso, cada jogo passa a ter fundamental importância. A equipe mais bem colocada na tabela, dependendo da situação, pode ganhar por antecipação.

São Paulo 5 x 2 Ponte Preta

22º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Ameli, Jean e Jorginho Paulista; Júlio Santos, Fábio Simplício, Ricardinho e Kaká; Luís Fabiano (Leandro) e Reinaldo (Dill)

Técnico: Oswaldo de Oliveira

PONTE PRETA

Alexandre Neri; Dionísio, Marinho, Rodrigo, Daniel e Roberto; Mineiro, Caíco, Piá (Alex Oliveira), Hernani (Alex) e Lucas (Fabrício Carvalho)

Técnico: Oswaldo Alvarez

Gols Caíco aos 6 min, Ameli aos 10min, Luís Fabiano aos 17min e aos 34min e Reinaldo aos 41min do primeiro tempo; Alex Oliveira aos 35min e Kaká aos 42min do segundo tempo • **Cartões amarelos** Jorginho Paulista e Júlio Santos (São Paulo); Marinho e Fabrício Carvalho (Ponte Preta) • **Cartão vermelho** Rodrigo (Ponte Preta) • **Juiz:** Anselmo da Costa (SP) • **Data:** 31/10/2002 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)



Gol de empate: Ameli deixou o placar igual aos 10min

1º TEMPO

6' GOL Caíco inaugura o placar com um forte chute

9' Primeira chance De virada, quase Luís Fabiano empata a partida, mas Alexandre Negri defende

10' GOL Ameli aproveita o toque de Jean, de cabeça, para o meio da área e balança a rede

17' GOL Luís Fabiano dribla Rodrigo e dispara um chute fulminante no ângulo. Sem chances para o goleiro da Macaca

34' GOL Rodrigo faz uma típica jogada de vôlei dentro da área. Pênalti. Luís Fabiano não perdoa

41' GOL Após receber um passe de Ricardinho em jogada ensaiada, Reinaldo amplia o marcador

2º TEMPO

8' Falta Numa cobrança de falta de longe, Fábio Simplício acerta uma paulada que Alexandre Negri espalma

16' Sensacional Reinaldo cruza na área e Luís Fabiano, na cara do goleiro, chuta. A bola passa perto

35' Pênalti Alex Oliveira marca de pênalti

42' GOL Alex faz pênalti em Reinaldo, que Kaká bate e fecha a goleada

Luís Fabiano: classe e categoria de artilheiro



São Paulo 5 x 3 Vasco da Gama

23º JOGO

SÃO PAULO

Roger; Gabriel, Jean, Régis e Gustavo Nery; Júlio Santos, Fábio Simplício (Júlio Baptista), Ricardinho (Adriano) e Kaká; Reinaldo (Leandro) e Luís Fabiano

Técnico: Oswaldo de Oliveira

VASCO DA GAMA

Fábio; Geder, Rogério Pinheiro, Marcelo e Russo (Glaydson); Henrique, Léo Lima (Rodrigo Souto), Petkovic e Ramon; Edinho e Zé Carlos (Ely Thadeu)

Técnico: Antônio Lopes

Gols Ramon aos 35min e aos 38min e Luís Fabiano aos 45min do primeiro tempo; Jean aos 15min, Zé Carlos aos 22min, Luís Fabiano aos 23min e aos 27min e Júlio Santos aos 29min do segundo tempo • **Cartões amarelos** Luís Fabiano (São Paulo) e Marcelo (Vasco) • **Juiz:** Wilson S. Mendonça (FIFA-SP) • **Data:** 06/11/2002 (quarta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

1º TEMPO

6' Petkovic bate escanteio fechado e Rogério Ceni põe para fora

9' Kaká chuta para o gol e Fábio espalma

24' Rapidamente, Kaká comanda um contra-ataque e passa para Gabriel, que chuta forte para o gol

35' Ramon faz o primeiro do Vasco

38' Mais uma vez, Ramon balança a rede

45' De pênalti, Luís Fabiano desconta para o Tricolor do Morumbi

2º TEMPO

3' Petkovic chuta de dentro da área, mas por sobre o gol

15' Simplício bate o escanteio e Jean empata o jogo

19' Após confusão na área vascaína, Reinaldo manda na trave

22' Zé Carlos faz o terceiro do Vasco, aproveitando a furada do companheiro Ramon

23' Com categoria, Luís Fabiano mata o goleiro Fábio

27' Infernal, Luís Fabiano aproveita o escanteio de Fábio Simplício, promovendo a virada paulista

29' Júlio Santos deixa o zagueiro adversário para trás e fuzila

➔ Contra o Botafogo, o SPFC jogou com o time reserva. Dill terminou fazendo o gol que empurrou a equipe carioca para a segunda divisão

São Paulo 3 x 2 Vitória

24º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Gabriel, Ameli (Wilson), Régis e Gustavo Nery; Júlio Santos, Fábio Simplício, Ricardinho (Júlio Baptista) e Kaká (Adriano); Reinaldo e Leandro **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

VITÓRIA

Jean; Emerson (André), Eduardo Alcides, Marcos (Moura) e Ramalho; Elói, Fernando, Allan Dellon (Leonardo) e Leilton; Aristizábal e Zé Roberto **Técnico:** Joel Santana

Gols Zé Roberto aos 7min, Leilton aos 12min, Kaká aos 24min e Leandro aos 29min do primeiro tempo; Reinaldo aos 9min do segundo tempo • **Cartões amarelos** Rogério Ceni, Gabriel, Ameli, Gustavo Nery, Júlio Santos, Ricardinho, Kaká e Reinaldo (São Paulo); Zé Roberto (Vitória) • **Cartão vermelho** Fernando (Vitória) • **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas (FIFA-SC) • **Data:** 14/11/2002 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

MANDARAM BEM

Fábio Simplício e Kaká fizeram uma bela partida. O primeiro gol são-paulino nasceu de uma jogada entre os dois, além disso Simplício armou alguns contra-ataques e Kaká participou do lance que originou o pênalti convertido por Reinaldo



Leandro comemorando o seu gol na partida contra o Vitória

ESTATÍSTICAS

27 jogos no Brasileirão 2002
10 vitórias seguidas
59 gols marcados
19 gols marcados por Luís Fabiano
12 gols marcados por Reinaldo

São Paulo 1 x 0 Botafogo

25º JOGO

SÃO PAULO

Roger; Wilson, Reginaldo, Régis e Rafael; Daniel Rossi, Júlio Baptista, Adriano (Aílton) e Jorginho Paulista; Leandro (Rico) e Dill (Oliveira) **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

BOTAFOGO

Carlos Germano; Márcio Gomes (Rodrigão), Gilmar, Sandro e R. Fernandes; Almir, Carlos Alberto, Esquerdinha (Camacho) e Daniel (Geraldo); Lúcio e Ademilson **Técnico:** Carlos Alberto Torres

Gols Dill aos 10min do primeiro tempo • **Cartões amarelos** Régis (São Paulo); Gilmar e Lúcio (Botafogo) • **Cartão vermelho** Sandro (Botafogo) • **Juiz:** Luciano Almeida (DF) • **Data:** 17/11/2002 (domingo) • **Local:** Caio Martins, Niterói (RJ)



QUARTAS-DE-FINAL

Santos 3 x 1 São Paulo

1º JOGO

SANTOS

Fábio Costa; Maurinho, André Luís, Alex e Léo (Preto); Paulo Almeida, Renato, Elano (Alexandre) e Diego (Robert); Robinho e Alberto **Técnico:** Emerson Leão

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Rafael, Ameli, Jean e Gustavo Nery (Jorginho Paulista/Wilson); Júlio Santos, Fábio Simplício, Ricardinho e Kaká; Reinaldo e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

Gols Alberto aos 30min e Kaká (São Paulo) aos 46min do primeiro tempo; Robinho aos 6min e Diego aos 21min do segundo tempo • **Cartões amarelos** Robert e Preto; Rafael • **Juiz:** Carlos Eugênio Simon (FIFA-RS) • **Data:** 24/11/2002 (domingo) • **Local:** Estádio da Vila Belmiro, Santos (SP)

São Paulo 1 x 2 Santos

2º JOGO

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Rafael (Júlio Baptista), Ameli, Jean e Gustavo Nery; Júlio Santos (Adriano), Fábio Simplício, Ricardinho e Kaká; Reinaldo (Leandro) e Luís Fabiano **Técnico:** Oswaldo de Oliveira

SANTOS

Fábio Costa; Maurinho, André Luís, Alex e Léo; Paulo Almeida, Renato, Elano (Alexandre) e Diego; Robinho e Alberto (Marcão) **Técnico:** Emerson Leão

Gols Luís Fabiano aos 4min do primeiro tempo; Léo aos 14min e Diego aos 47min do segundo tempo • **Cartões amarelos** Ricardinho, Luís Fabiano, Ameli e Fábio Simplício (São Paulo); Elano, Fábio Costa e Léo (Santos) • **Juiz:** Wilson de Souza Mendonça (FIFA-PE) • **Data:** 28/11/02 (quinta-feira) • **Local:** Cícero Pompeu de Toledo, Estádio do Morumbi, São Paulo (SP)

→ Na primeira fase, o campeonato é disputado em **PONTOS CORRIDOS**. A partir da segunda, passa a valer o **MATA-MATA**

Paulistão 2003

Tome nota das partidas do Tricolor do Morumbi no Paulistão 2003. A tabela a seguir foi divulgada pelo site da Gazeta Esportiva e é a que a Federação Paulista de Futebol preparou para o campeonato

OS GRUPOS

1

Guarani
Ituano
Mogi Mirim
Palmeiras
Ponte Preta
Rio Branco
União Barbarense

2

Inter de Limeira
Jundiaí
Juventus
Portuguesa Santista
Santo André
Santos
São Paulo

3

América
Botafogo
Corinthians
Marília
Portuguesa
São Caetano
União São João

REGULAMENTO

PRIMEIRA FASE

Todos os jogos ocorrerão em único turno e somente entre equipes do mesmo grupo

SEGUNDA FASE

Os clubes começam a se cruzar para disputar uma vaga para a próxima fase em um único jogo, que será no esquema mata-mata

REBAIXAMENTO

Os eliminados na primeira fase disputarão um torneio. O pior deles cai para a série A-2

PERÍODO DE DISPUTA

De 26 de janeiro a 23 de março

JOGOS
Serão
disputadas
73 partidas

1º RODADA

26/01/2003 – Domingo

16h - Ituano x Ponte Preta
16h - Palmeiras x Mogi Mirim
16h - Guarani x União Barbarense
16h - Jundiaí x **SÃO PAULO**
15h - Juventus x Portuguesa Santista
16h - Santo André x Santos **(25/01)**
18h - Marília x Corinthians **(25/01)**
16h - Portuguesa x São Caetano
16h - União São João x América

2º RODADA

29/01/2003 – Quarta-feira

20h30 - União Barbarense x Ituano
21h - Ponte Preta x Palmeiras
20h30 - Mogi Mirim x Rio Branco
20h30 - Santos x Jundiaí
20h30 - **SÃO PAULO** x Juventus
20h30 - Portuguesa Santista x Inter de Limeira
20h30 - América x Marília
20h30 - Corinthians x Portuguesa
20h30 - São Caetano x Botafogo

3º RODADA

02/02/2003 – Domingo

16h - Ituano x Guarani **(01/02)**
16h - Palmeiras x União Barbarense
16h - Rio Branco x Ponte Preta
16h - Jundiaí x Santo André
16h - Juventus x Santos
16h - Inter de Limeira x **SÃO PAULO**
16h - Marília x União São João
16h - Portuguesa x América
18h - Botafogo x Corinthians **(01/02)**

4º RODADA

09/02/2003 – Domingo

16h - Guarani x Palmeiras
16h - União Barbarense x Rio Branco
16h - Ponte Preta x Mogi Mirim
16h - Santo André x Juventus
18h - Santos x Inter de Limeira **(08/02)**
16h - **SÃO PAULO** x Portuguesa Santista
16h - União São João x Portuguesa **(08/02)**
16h - América x Botafogo
16h - Corinthians x União São João

5º RODADA

12/02/2003 – Quarta-feira

20h30 - Palmeiras x Ituano
20h30 - Rio Branco x Guarani
20h30 - Mogi Mirim x União Barbarense
16h - Juventus x Jundiaí
20h30 - Inter de Limeira x Santo André
21h - Portuguesa Santista x Santos
20h30 - Portuguesa x Marília
20h30 - Botafogo x União São João
20h30 - São Caetano x América

6º RODADA

16/02/2003 – Domingo

16h - Ituano x Rio Branco
16h - Guarani x Mogi Mirim
16h - União Barbarense x Ponte Preta
16h - Jundiaí x Inter de Limeira
16h - Santo André x Portuguesa Santista
18h - Santos x **SÃO PAULO (15/02)**
16h - Marília x Botafogo
16h - União São João x S.Caetano **(15/02)**
16h - América x Corinthians

7º RODADA

23/03/2003 – Domingo

16h - Mogi Mirim x Ituano
18h - Rio Branco x Palmeiras **(22/02)**
16h - Ponte Preta x Guarani
16h - Portuguesa Santista x Jundiaí
16h - Inter de Limeira x Juventus
16h - **SÃO PAULO** x Santo André
16h - São Caetano x Marília
16h - Botafogo x Portuguesa **(08/02)**
16h - Corinthians x União São João

QUARTAS-DE-FINAL

26/02/2003

Quatro grupos de duas equipes cada um. Apenas um jogo por grupo. Classificam-se os quatro vencedores

SEMIFINAIS

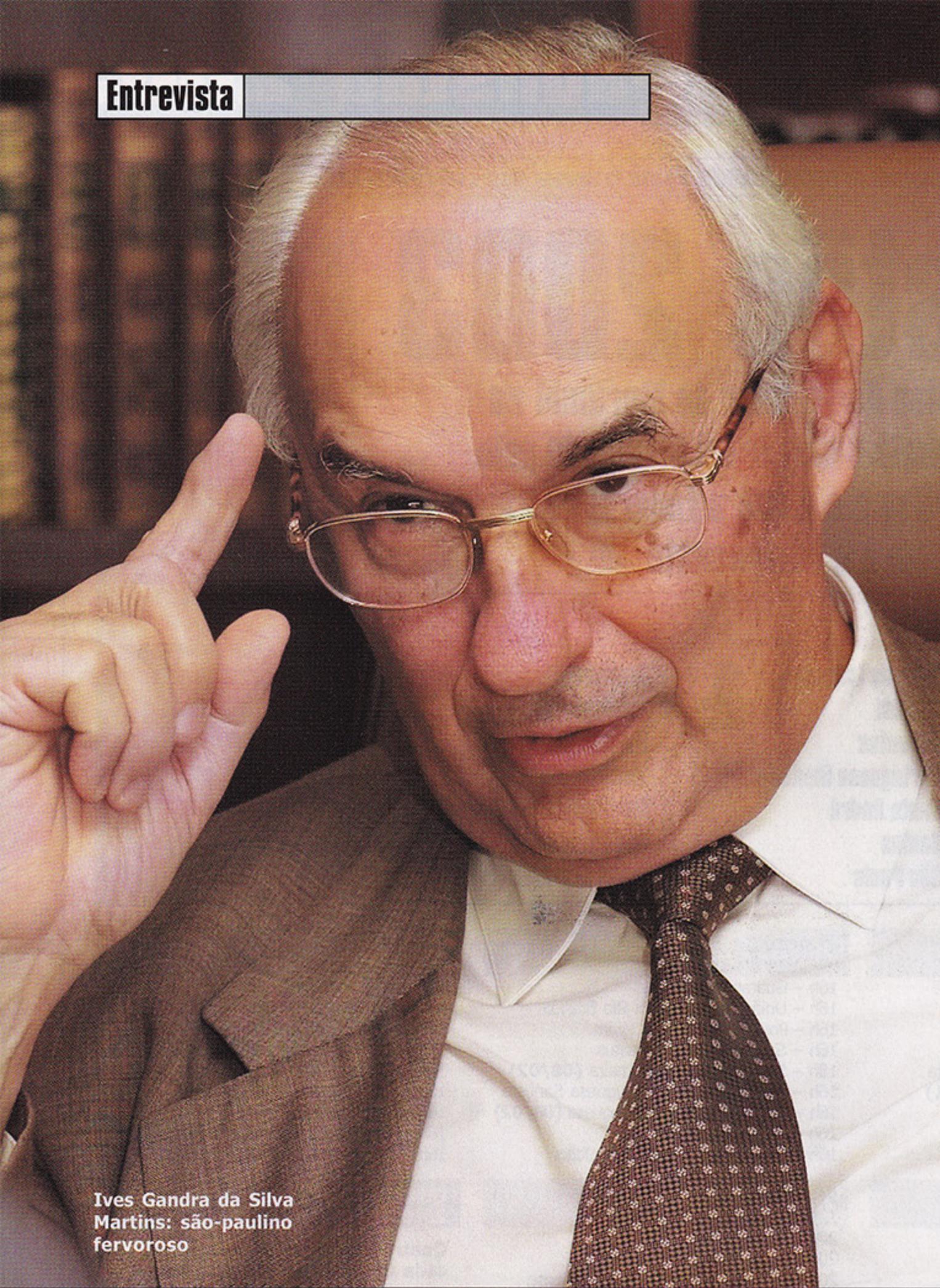
05/03 – 09/03

Dois grupos de dois times. Jogos de ida e volta. Classificam-se os dois melhores

FINAL

16/03 – 23/03

Decisão em duas partidas



Ives Gandra da Silva Martins: são-paulino fervoroso

O intelectual e a bola

Um dos maiores juristas do País, Ives Gandra da Silva Martins fala de sua devoção ao São Paulo Futebol Clube

A década de 40 foi sinônimo de gols e títulos para o São Paulo Futebol Clube. Na conquista de 43, em que a moeda caiu em pé, o Tricolor se transformou definitivamente em um dos grandes do futebol paulista e viu se consolidar Leônidas da Silva, jogador que viria a ser o maior ídolo da história do clube. Nas arquibancadas, presenciando a metamorfose são-paulina, um menino de apenas oito anos de nome Ives. Décadas depois, o São Paulo era um dos clubes mais poderosos do mundo e aquele garoto de calças curtas que acompanhava o pai nos treinos do time do coração se tornava um dos maiores juristas do País. Seu nome é Ives Gandra da Silva Martins. Mas pode chamá-lo apenas de 'são-paulino'.

Nesta entrevista concedida à Revista Oficial do São Paulo em sua vasta biblioteca, localizada em seu escritório no bairro dos Jardins, o torcedor Ives Gandra fala de sua paixão, dos craques do passado, de Kaká, da política interna do clube e das leis que estão regendo o futebol atual.

Quando o senhor se tornou são-paulino?

Sou são-paulino desde criança. Meu pai, que já era sócio em 1934, me levou para o clube em 1943. Eu tinha oito anos. Assisti às primeiras partidas e aos treinos que o São Paulo fazia no Floresta ainda de calças curtas. Lá em casa existia



Ives Gandra ao lado das condecorações recebidas pelo mundo

um amor muito grande pelo time e, quando fui estudar na França, já em 1952, ligava para cá a fim de saber o que estava acontecendo. Quando voltei, em 1953, ainda vi o time ser Campeão Paulista daquele ano.

Houve algum jogo que o senhor não esquece?

O jogo que mais me impressionou foi em 43 quando o time atuou com dez elementos. O técnico recuou um jogador e pôs o Renganeschi como ponta-esquerda e ele marcou o gol da vitória de 1 a 0 sobre o Palmeiras. Eu tinha onze anos de idade. Tive também momentos de tristeza; por exemplo, quando o São Paulo perdeu o Campeonato Brasileiro para o Grêmio. Tinha certeza de que iríamos ser campeões em 81. Outro jogo histórico foi em 71. Estávamos jogando contra o Botafogo e, no segundo tempo, o time carioca fez 1 a 0. Então entrou o Furlan e o São Paulo venceu por 4 a 1. Uma virada em apenas 20 minutos. Tudo graças à raça de Furlan.

Quem foi o craque da história do São Paulo?

Vi o Leônidas numa fase em que ele fez o São Paulo estourar. Foi na década de 40. Também havia dois jogadores extremamente clássicos e com muita raça, que eram o Noronha e o Bauer. O Zizinho também era craque. O Gérson e o

Pedro Rocha marcaram época nos anos 70, quando o São Paulo foi bicampeão paulista. O Raí também foi muito importante. Como goleiro, Zetti foi o que mais me impressionou por causa de sua regularidade e bom caráter.

Como o preparo físico mudou a forma de jogar?

O futebol antigamente era arte. Preparo físico era importante, mas não representava a essência do jogo. Quando o Brasil foi campeão em 58, só vi seis partidas. Mas, em 70, acompanhamos todos os jogos. O ritmo era muito mais lento, mais moderado, de classe e jogadas inteligentes. Nos anos 80 e 90, o futebol passou a ser um esporte de técnica, mas, principalmente, de preparo físico, força, rapidez e esquema de jogo. Hoje ele é muito menos bonito do que antigamente. Saímos do futebol-arte para o futebol dinheiro. Atualmente, é um esporte que gera fortunas, com que muita gente ganha dinheiro. Perdeu-se um pouco daquele amor à camisa.

Para o senhor, como foi a desclassificação do São Paulo no Brasileiro de 2002?

Senti muito porque o São Paulo tinha tudo para ser campeão. Comentei com outras pessoas que o time tinha jogadores velozes. Na minha opinião, nosso grande erro nas partidas contra o Santos foi

explorar os contra-ataques. Isso não deu certo no primeiro jogo. Foi por muita sorte que ganhamos por 3 a 2. Percebemos que o Santos era rápido e que o São Paulo não tinha uma boa defesa. O que aconteceu? Resolveu-se jogar a segunda partida da mesma maneira. Não mudamos nossa forma de jogar nas três vezes em que nos encontramos. O Santos ficou em cima e nossa defesa foi mais fraca do que nosso ataque. O trabalho que o Oswaldo de Oliveira vai ter no próximo campeonato é resolver esse problema da defesa.

Há excesso de pressão sobre os jogadores que vestem a camisa do São Paulo?

Perdemos recentemente aquele campeonato da Taça Brasil (2 a 1 para o Cruzeiro) que foi algo impressionante. Perdemos também do Corinthians. Nas duas vezes jogando bem, mas sob pressão. Perdemos para o Atlético-PR porque entramos nessa síndrome.

Então tenho a impressão de que, além da técnica, é preciso preparar psicologicamente os jogadores do São Paulo.

Que atleta foi o grande nome do São Paulo em 2002?

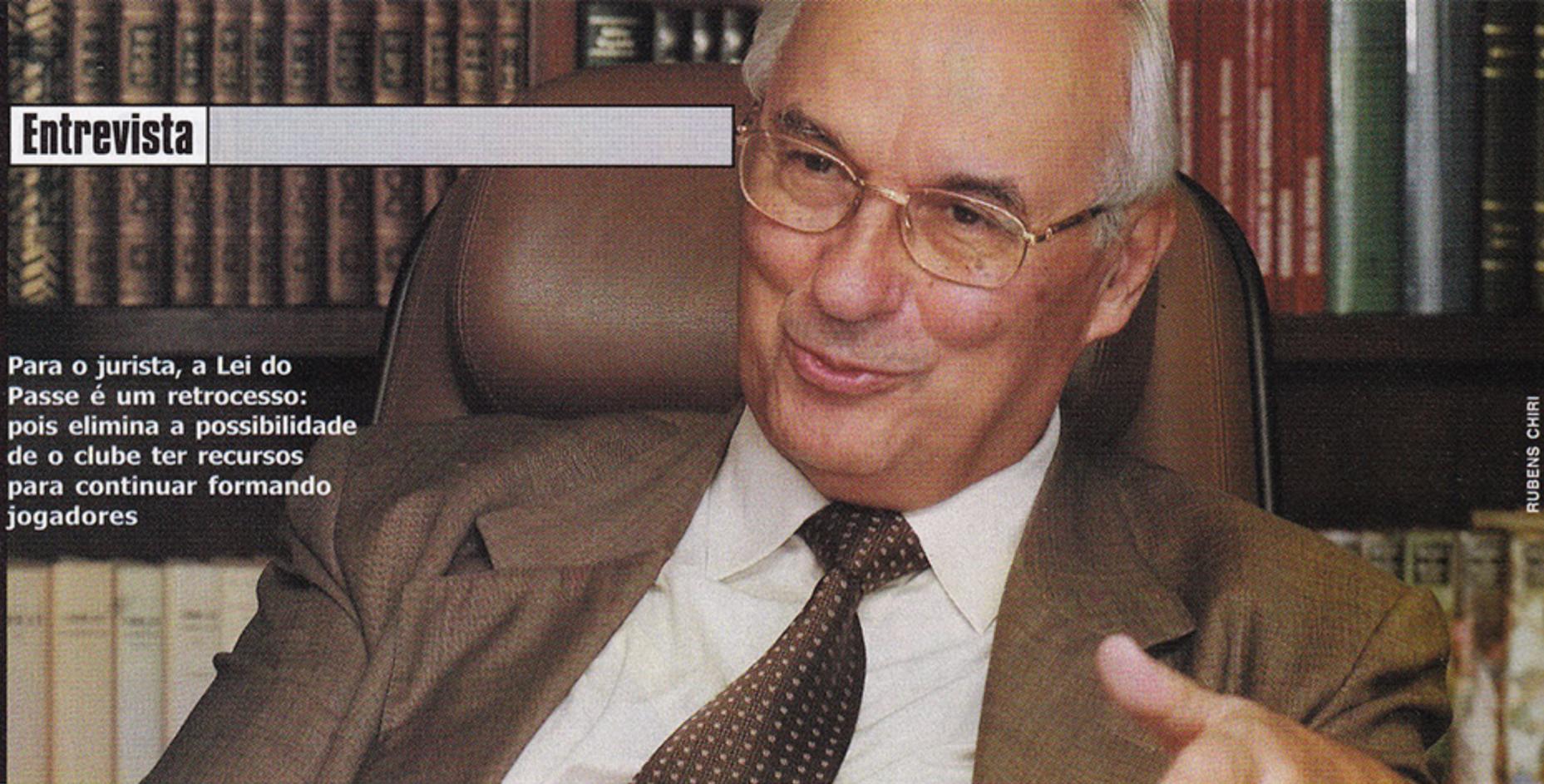
O Kaká. Na minha opinião, vai marcar época. Ele tem talento próprio e muita raça. Kaká se completa, muitas vezes, como um atleta que disputa as jogadas e ainda tem aquelas arrancadas que ninguém sabe se ele vai para frente ou para trás. Os jogadores, mesmo marcando, não conseguem alcançá-lo. A impressão que eu tenho é que ele é o grande jogador da atualidade. Nunca tivemos um atleta que atuasse de forma semelhante a ele.

Nem o Raí?

O Raí sempre foi um jogador fantástico, mas o Kaká tem uma coisa que o Raí não tinha: a velocidade com que ele faz o ataque. É difícil pegar. O Raí não era um jogador de

“O Raí sempre foi um jogador fantástico, mas o Kaká tem uma coisa que o Raí não tinha: a velocidade com que ele faz o ataque”

Para o jurista, a Lei do Passe é um retrocesso: pois elimina a possibilidade de o clube ter recursos para continuar formando jogadores



RUBENS CHIRI

correr. Ele era de armar jogadas.

O Kaká é mais jogador que o Diego?

Acho que sim. O Diego está surgindo agora. Os técnicos adversários estão começando a dar importância a ele. O Diego está fazendo no Santos o que o Kaká fez no São Paulo quando o time foi campeão do Rio-São Paulo e ele marcou dois gols. Só com o tempo é que começaram a ter a técnica de marcação para segurar o Kaká. Mesmo assim, está cada vez mais difícil. Agora é que nós vamos saber como o Diego vai se portar com os esquemas que vão ser apresentados para marcá-lo.

Causa estranheza em muitas pessoas o fato de um intelectual ser um apaixonado por futebol. É contraditório?

Não, não é. E, apesar de não dormir à noite quando o São Paulo perde, me faz muito bem. Durante 6 anos, o (Aloizio) Mercadante e eu participávamos do programa do meio-dia na TV Gazeta. Cinco minutos após acalorados debates políticos e sustentações orais, iniciávamos um animado papo sobre futebol. Certa vez, um desembargador corintiano fez um comentário e falou um palavrão sobre o São Paulo. Respondi que o mesmo palavrão era aplicado à sua mulher e família. O São Paulo, na minha vida, veio antes do meu casamento (*rindo*).

Em 2002, o São Paulo completou 10 anos da conquista do primeiro Mundial Interclubes. Tem boas lembranças desse título?

Preciso elogiar a administração Pi-

menta. Em sua gestão, ele deu liberdade ao Telê. Durante aquele período, o São Paulo vendia meio time por ano e comprava outro do mesmo nível. Mas fazia negócio ganhando dinheiro. Às vezes, adquiria jogadores que estavam em baixa e o Telê, que era um técnico diferenciado, colocava a equipe novamente em ordem. Nesse período, o São Paulo ganhou tudo com essa estratégia genial. Dessa forma, o clube fazia dinheiro e podia manter times de alto nível por causa da valorização de um elenco campeão.

O presidente Marcelo Portugal Gouvêa está no caminho certo?

O Marcelo é um homem diferenciado dentro do futebol, além de ser um dos melhores e mais respeitados advogados de São Paulo. Estou convencido de que o planejamento desenvolvido por ele é o correto. Ele disputou por duas vezes a presidência do clube e, mesmo perdendo a primeira, não abaixou a guarda. Essa vontade de vencer é que faz a diferença no futebol. Tenha certeza de que a força de vontade do Marcelo será recompensada em 2003.

O senhor acredita que possa haver uma reconciliação política no São Paulo?

Todos conhecem a minha linha no São Paulo. Nas reuniões do conselho, tenho sempre o máximo de argumento possível, apesar das divergências. Quando o Paulo Amaral perdeu a eleição, por exemplo, fiz questão de dar-lhe posse solene no Conselho Consultivo (*Ives Gandra é Presidente do Conselho Consultivo do SPFC*). Ele foi

automaticamente incorporado sem necessidade. Fiz uma convocação e disse que a minha iniciativa tinha uma razão de ser: era lutar pelo São Paulo.

Como conseguir essa coesão?

Na minha opinião, temos de lutar pela harmonia, pela superação e temos tudo para conseguí-la. E por que acredito nisso? Porque, apesar das divergências, afinal são dois grupos fortes, é evidente que, no dia em que tivermos esse equilíbrio dentro do São Paulo, não haverá mais problemas. O que me dá confiança é que, em todas as disputas eleitorais que tivemos nesses anos, nunca houve um nível mais baixo no São Paulo. Você percebe que a pessoa pode ficar triste, mas não há desejo de sabotar, enganar. Isso me faz crer que, mais cedo ou mais tarde, vamos chegar àquilo que era na época do Laudo (*Natel*). Parto do princípio de que não é fácil, mas não é impossível.

Querida que o senhor comentasse a Lei do Passe, o código de defesa do torcedor e a medida provisória.

A Lei do Passe é um absurdo e foi dramática para o País. Primeiramente, porque eliminou a possibilidade de criar jogadores e de o clube ter recursos para continuar formando. Ela estabelece que o time que podia ganhar e fazer dinheiro com a venda de atletas - e, portanto, aplicar e formar novos - perdeu esse direito. Logo aparecem empresários que passam a ser os donos deles. Essa lei ficou favorável aos empresários e não ao clube. Pessoalmente, desde o primei-

ro dia em que ela foi vislumbrada, achei que iria prejudicar o futebol brasileiro. Também sabemos que, mais cedo ou mais tarde, o jogador não vai ficar porque vai ser dono do próprio passe. Por isso, considero essa lei um retrocesso. Nunca os empresários podem ser afastados do futebol. Não podem, porém, ser os únicos beneficiários. Já a medida 79 é muito pior. Além de ela ser um retrocesso no passe, iniciou o problema de transformar o clube em empresa. Manifestei-me contra essa medida provisória porque o futebol-empresa não representa a solução. Todas as empresas no futebol-empresa europeu estão em crise. Na Espanha, por exemplo, você tem empresas. Mas são poucos os clubes que adotaram esse formato e lá não é obrigatório. Quanto ao código de defesa do torcedor, acho-o importante. Isso, entretanto, tem de ser discutido com bastante maturidade até que haja um perfil ideal. A idéia me parece boa, mas precisa ser trabalhada.

Existe alguma sinalização do novo governo quanto a possíveis mudanças?

Há muita pressão. Você vai ter um novo Congresso Nacional. A MP vai ter de ser aprovada, mas, como ainda pertence ao governo FHC, ela pode aguardar um pouco mais. O São Paulo não está aceitando a forma como eles pretendem aprovar a Medida. O que nós temos visto, muitas vezes, é uma diretoria técnica entrar e conseguir arrasar ainda mais o que já existe. Tenho a impressão de que é necessário estabelecer regras de responsabilização, mas com estruturas atuais.



FOTOS RUBENS CHIRI

Projeto sócio-torcedor bate recorde de inscrições

O São Paulo acabou de relançar o Projeto Sócio-Torcedor. Aquele que já era o mais moderno programa de relacionamento entre um clube de futebol e seus torcedores ficou ainda melhor.

A partir de agora, os são-paulinos que aderem a ele podem optar entre as categorias bronze, prata, ouro e master e seus respectivos benefícios: além do desconto de 50% do ingresso para arquibancada azul ou cadeira inferior azul em jogos com mando do SPFC, em bilheteria exclusiva ST, no Estádio do Morumbi; carteirinha, diploma, Revista Oficial do SPFC e camisa do Sócio-Torcedor, os novos sócios também podem ter desconto nas lojas credenciadas, nas escolas franqueadas SPFCenter, na aquisição de fitas de vídeo institucionais e de camisa oficial autografada; afora participar de visita VIP ao Estádio do Morumbi e ao CCT. Até agora o clube registrou cerca de 3 mil novas adesões e o projeto alcançou a marca de 7,5 mil inscritos.

Além das novas vantagens, os sócios que compareceram aos jogos do Tricolor no Morumbi tiveram a chance de participar da promoção "Cortina de Gols". No intervalo das partidas, 10 sortudos iam até o gramado e tentavam acertar a bola no alvo. Foram mais de 100 participantes e 30 premiados com brindes exclusivos.



I Copa São Paulo Futebol Center:

Na primeira edição da Copa das escolas licenciadas São Paulo Futebol Center, foram selecionados 18 jogadores para serem avaliados nas categorias de base do clube

Por Ana Paula Andrade

O São Paulo Futebol Clube realizou, durante o mês de novembro e início de dezembro, a I Copa São Paulo Futebol Center, torneio que reuniu cerca de 1300 alunos das escolas de futebol licenciadas do Tricolor nos campos do Centro de Treinamento de Guarapiranga.

A primeira etapa da competição, realizada nos dias 23 e 24 de novembro, contou com as disputas nas categorias dente-de-leite e infantil. Nessa fase, foram disputados 50 jogos e marcados 140 gols, totalizando uma média de 2,8 por partida. No dente-de-leite, a unidade campeã foi a de Sorocaba. A de Taubaté ficou com o vice-campeonato e a de Ribeirão Preto com a terceira colocação.

Já na categoria infantil, a unidade Taubaté levou o primeiro lugar, deixando para trás a de Ribeirão Preto que ficou em segundo e a de Campinas, em terceiro.

A segunda etapa, que reuniu jogadores das categorias juvenil e júnior, ocorreu nos dias 30 de novembro e 1º de dezembro. E foi bastante ofensiva. Nas 44 partidas disputadas, foram marcados 147 gols, numa média de 3,34 por jogo. No juvenil, a unidade de Santo Amaro levantou a taça de campeão. A escola de Ribeirão Preto ficou com a segunda colocação e a de Itapetininga com a terceira. Entre os juniores, o primeiro lugar também ficou com a unidade de Santo Amaro e, na segunda colocação, a escola de Itapetininga, deixan-

“As unidades licenciadas estão nos ajudando a detectar novos talentos para o futebol e também a formar novos torcedores”

Edson Francisco Lapolla,
diretor de Marketing do SPFC

AS ESCOLAS QUE PARTICIPARAM DA I COPA SÃO FUTEBOL CENTER

Unidade Piloto, Tatuapé, Santo Amaro, Pirituba, Penha, Santana, Butantã, Estrela da Saúde, Osasco, Taboão da Serra, Guarulhos, Cotia, Taubaté, Itapetininga, Ribeirão Preto, Campinas, Jundiaí, Sorocaba e Curitiba

NÚMEROS DA PRIMEIRA FASE

50 jogos
140 gols marcados
Média de 2,8 gols por partida

NÚMEROS DA SEGUNDA ETAPA

44 jogos
147 gols marcados
Média de 3,34 por partida

CATEGORIA DENTE-DE-LEITE

Primeiro lugar
Unidade de Sorocaba
Segundo lugar
Unidade de Taubaté
Terceiro lugar
Unidade de Ribeirão Preto

CATEGORIA JUVENIL

Primeiro lugar
Unidade de Santo Amaro
Segundo lugar
Unidade de Ribeirão Preto
Terceiro lugar
Unidade de Itapetininga

CATEGORIA INFANTIL

Primeiro lugar
Unidade de Taubaté
Segundo lugar
Unidade de Ribeirão Preto
Terceiro lugar
Unidade de Campinas

CATEGORIA JÚNIOR

Primeiro lugar
Unidade de Santo Amaro
Segundo lugar
Unidade de Itapetininga
Terceiro lugar
Unidade Estrela da Saúde



Da esq. para a dir.: Sto. Amaro (juvenil), Sto. Amaro (júnior), Sorocaba (dente-de-leite) e Taubaté (infantil)

FOTOS: ARQUIVO SPFC

sucesso absoluto

do a escola do Estrela da Saúde em terceiro.

O diretor de Marketing do SPFC, Edson Francisco Lapolla, afirmou que as escolas licenciadas trazem vantagens ao clube. "As unidades licenciadas estão nos ajudando a detectar novos talentos para o futebol e também a formar novos torcedores", declarou o dirigente. A equipe de profissionais das categorias de base do Tricolor observou os garotos e selecionou 18 alunos para participarem de uma avaliação mais detalhada com o grupo de atletas amadores.

Para o coordenador do evento, José Roberto Calicchio, o resultado da Copa foi bom. "O torneio foi muito bem organizado e os alunos das escolinhas mostraram muita qualidade,

principalmente nas categorias mais novas. Por isso, esperamos em breve realizar a II Copa", disse.

O assistente de marketing, Paulo César Cruz, concorda com Calicchio. "Sem dúvida o resultado do torneio foi muito positivo para o clube porque agora, além de incentivarmos as unidades licenciadas a se aperfeiçoarem, conseguimos ranqueá-las em termos de qualidade", declarou.

As escolas participantes foram as seguintes: Unidade Piloto, Tatuapé, Santo Amaro, Pirituba, Penha, Santana, Butantã, Estrela da Saúde, Osasco, Taboão da Serra, Guarulhos, Cotia, Taubaté, Itapetininga, Ribeirão Preto, Campinas, Jundiaí, Sorocaba e Curitiba.

"O torneio foi muito bem organizado e os alunos das escolinhas mostraram muita qualidade, principalmente nas categorias mais novas. Por isso, esperamos em breve realizar a II Copa"

José Roberto Calicchio,
coordenador do evento

Na voz de Paulo Planet

Descobrir talentos: a nova saga do São Paulo F.C.

Antes de iniciar a construção de seu gigantesco estádio, o maior estádio particular do mundo, tinha o São Paulo, então, uma política futebolística, qual fosse a de apenas adquirir craques, custassem eles o que custassem. Política que se iniciou com a contratação de Leônidas da Silva, ao preço de duzentos contos de réis (a moeda da época), valor considerado verdadeiramente absurdo naquele instante da economia nacional, quando, ainda, o Pacaembu era o nosso maior estádio, nem mesmo o Maracanã existia. Décio Pacheco Pedrosa era o Presidente, o supremo mandatário que desejava o São Paulo "grande", tanto que acabou sendo o campeão de todos os esportes: atletismo, bola ao cesto e boxe, os principais esportes daquele período. Paulo Machado de Carvalho era o diretor de futebol.

A partir dos anos 60, quando o Morumbi começou a ser construído, precisamente porque o Pacaembu já se tornara pequeno para as grandes platéias futebolísticas, obviamente passou o São Paulo por uma fase de intensas dificuldades econômico-financeiras. É claro que as grandes contratações deixaram de ocorrer, ainda que tivéssemos, mesmo assim, alguns grandes, prodigiosos jogadores na nossa equipe.

Foi, então, que o São Paulo começou a ir buscar talentos onde eles existissem, a começar pela nossa várzea, pelo nosso interior, onde, enfim, eles existissem. E, depois de poucos anos de trabalho intenso, essa política começou a produzir notáveis resultados a ponto de nossa equipe ter no seu conjunto quatro, cinco, às vezes seis jogadores nascidos, feitos nas nossas divisões inferiores.

Agora, uma nova etapa se inicia, levando o São Paulo pelas conseqüências da Lei Pelé, que eliminou o ativo, o patrimônio dos clubes, que eram os passes dos jogadores, que podiam ser negociados quando bem entendessem as agremiações, independentemente do tempo de contrato que houvesse entre clubes e jogadores. Embora contratando jogadores de primeira linha, já elencados em reportagem da Revista Oficial do SPFC no número anterior, podemos assinalar que novamente o São Paulo, com Cilinho no comando, tendo como colaborador emérito uma vez mais Pita, recomeça a sua lide incessante de buscar nos infantis, nos juvenis, no sub-20 e nos juniores os valores com os quais alcançara as mesmas glórias já conseguidas no seu passado, mesmo porque são centenas, milhares de garotos que procuram o São Paulo, por simpatia ou confiança no seu porvir, em busca de uma oportunidade. E breve, muito breve, podemos anunciar que o São Paulo estará em condições ainda mais promissoras de voltar a ser o grande celeiro do futebol nacional, eis que poderosas e importantes iniciativas da diretoria estão em via de se concretizar na busca desse almejado e bonito fim.



Paulo Planet Buarque é membro vitalício do Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, do qual foi presidente duas vezes.

Rush no Estádio do Morumbi

Palco de grandes shows como Madonna, Michael Jackson, Menudos e U2, entre outros artistas, o Estádio do Morumbi recebeu no último dia 22 de novembro 60 mil pessoas, fãs do grupo de rock canadense Rush. Formado pelo vocalista e baixista Geddy Lee, o baterista Neil Peart e o guitarrista Alex Lifeson, o trio passou pelo Brasil na tour mundial de *Vapor Trails*.

Durante a apresentação, que durou cerca de três horas, os músicos executaram os *hits* mais famosos dos primeiros anos da banda e os principais sucessos das últimas décadas. O gramado do estádio, protegido por um piso especial (*easyfloor*), ficou intacto após o espetáculo.



DIVULGAÇÃO

São Paulo e Topper

O Tricolor do Morumbi fechou um acordo com a Alpargatas São Paulo, dona das marcas Mizuno e Topper, entre outras. A empresa deve fornecer material esportivo por um período de três anos ao clube. Só falta mesmo a Alpargatas escolher se vai estampar na camisa do time Mizuno ou Topper.

SPFC e Mizuno juntos na São Silvestre

Agora é definitivo. A mística da camisa são-paulina, envergada por nomes como Adhemar Ferreira da Silva, José João da Silva, Dalva dos Santos, Edgar Freire, Arthur Palma e Olten Ayres, entre muitos outros, voltará a brilhar forte nas provas de atletismo na temporada 2003. Após a bem-sucedida assinatura do contrato entre SPFC e Alpargatas – detentora das marcas Mizuno e Topper -, a seção de atletismo do clube contará com reforços de peso. Vestirão o 'manto sagrado' nomes como Maria Zeferina Baldaia, José Telles da Silva, Elenilson Silva e Marcia Narloch, além dos prata-da-casa Everton Ludovice Moraes, Luis Carlos Silva, Elizabeth Esteves de Souza e Rosirene Ferreira da Silva. E o primeiro grande desafio desse time será a tradicional prova de São Silvestre. Corrida esta que tem, na sua história, a marca são-paulina por causa das conquistas de José João da Silva, no início da década de 80.

São Paulo Futebol Clube e Droga Raia marcam um gol de placa!

A diretoria do São Paulo Futebol Clube e a Droga Raia, firmaram parceria para propiciar aos associados vantagens e descontos especiais nas compras de medicamentos. Os associados também vão encontrar uma variada linha de produtos de perfumaria, higiene e beleza em qualquer uma das mais de 100 unidades da rede Droga Raia. Basta apresentar o seu Cartão Raia Afinidade.

Conheça as vantagens do Cartão Raia Afinidade:

- **Desconto mínimo garantido**

Na Droga Raia, você tem a garantia de comprar medicamentos tarjados com no mínimo **10% de desconto**. E se você é maior de 55 anos, os descontos são ainda maiores, incluindo os genéricos;

- **Pagamento só no mês seguinte**

Com cartões de crédito ou cheque pré-datado para até 30 dias, sem perder nenhum desconto;

- **Sistema de Consulta de Genéricos**

Você pode consultar através do princípio ativo se os medicamentos que você utiliza possuem genéricos, e comparar os preços por unidade dos medicamentos de marca com os dos genéricos.

Rogério passa por cirurgia

Sem causar alarde, Rogério Ceni aproveitou as férias para operar o joelho direito. De acordo com os médicos, ele estará bem para a pré-temporada que inicia em 2 de janeiro de 2003. No mês de dezembro, o goleiro passou por uma artroscopia, feita por Moisés Cohen no Hospital Israelita Albert Einstein. Ceni marcou a operação logo e discretamente. O objetivo era recuperar-se antes da reapresentação do elenco e não gerar polêmicas. A cirurgia consistiu na retirada de um corpo livre do joelho do atleta, que o afastou de cinco partidas do Brasileirão e o incomodou bastante nos outros jogos do campeonato. Num primeiro momento, a fisioterapia foi a arma usada para combater o problema. Mas a dor começou a incomodá-lo muito, forçando a realização da artroscopia. O médico do São Paulo, José Sanchez, tranquilizou a torcida. "Foi um procedimento normal e a recuperação deve ser rápida". Se não houver problemas nos pós-operatório, Ceni deve ser totalmente liberado para a pré-temporada.

Ceni: ídolo da garotada superando os problemas



RUBENS CHIRI

SPFC cede jogadores : Férias adiadas à seleção sub-23

A seleção brasileira sub-23, que irá disputar o torneio do Catar de 13 a 26, contará com três atletas tricolores. O zagueiro Júlio Santos, o meia Júlio Baptista e o craque Kaká foram convocados pelo técnico Ricardo Gomes.

Júlio Baptista: um dos convocados



RUBENS CHIRI

Após o último jogo do São Paulo no Brasileirão 2002, realizado em 28 de novembro, os atletas saíram em férias. Mas nem todo mundo pôde pegar a caravana rumo ao descanso. Alguns jogadores tiveram de ficar no CCT da Barra Funda, fazendo tratamentos específicos. Além de Rogério Ceni que foi operado do joelho, Maldonado (lesão no joelho direito), Gabriel (entorse no tornozelo esquerdo) e Reinaldo (lesão no tornozelo esquerdo) também engrossaram essa lista. O volante chileno foi liberado pelo departamento médico do Tricolor na tarde de 10 de dezembro. Já o atacante e o lateral-direito receberam o sinal verde em 13 de dezembro. Apesar disso, os três devem se apresentar junto com todo o elenco para a pré-temporada 2003.

Maldonado: pronto para a temporada 2003



TATYANA ALVES



Kaká Noel visita crianças carentes com câncer

O craque são-paulino Kaká visitou, no dia 11 de dezembro, o Centro de Apoio à Criança Carente com Câncer, na Aclimação (SP), e distribuiu bolas, brinquedos e muitos autógrafos para as crianças atendidas pela entidade.

O atleta conheceu todas as dependências do Centro e brincou bastante com a garotada. Depois, chamou um por um para distribuir os presentes. "É sempre bom ajudar quem precisa. Essas crianças estão enfrentando uma doença, mas não perdem a alegria e a fé", declarou o emocionado Kaká Noel.

O Centro de Apoio à Criança Carente com Câncer funciona há oito anos. É uma entidade que oferece infra-estrutura necessária para que crianças e adolescentes até 18 anos, que moram fora de São Paulo, fiquem na capital em tratamento no Hospital do Câncer. Lá, elas e suas mães têm moradia, roupas, transporte e medicamentos. A instituição possui três unidades e atende aproximadamente 100 crianças. Quem quiser colaborar com o Centro pode entrar em contato pelo e-mail apoio@cacc.org.br ou pelos telefones (0xx11) 3208-1162, (0xx11) 3207-4255 e (0xx11) 3208-8404.

São Paulo recebe representantes da Federação Armênia

O São Paulo Futebol Clube recebeu, em dezembro, o diretor executivo da Federação de Futebol da Armênia, Arman Hovbannisyan, e o diretor-técnico das seleções armênias, Achot Manukyan. Os dois representantes vieram ao Brasil para acertar detalhes do intercâmbio com o futebol de base do Tricolor.

Durante a estada dos estrangeiros, a diretoria são-paulina preparou uma programação especial para os integrantes da delegação. Os armênios visitaram as dependências do Centro de Treinamento em Barueri, local em que ocorrem os treinos das categorias de base, o Centro de Treinamento da Barra Funda, onde puderam conferir a estrutura do futebol profissional, e o Estádio do Morumbi.

O convênio entre o São Paulo F.C. e a Federação Armênia terá como objetivo oferecer a jogadores daquele país um estágio técnico com a supervisão dos profissionais do clube brasileiro.

Leonardo Moura é o primeiro reforço para 2003

O São Paulo Futebol Clube já iniciou o processo de reforço da equipe para a temporada 2003. O primeiro contratado é o lateral-direito Leonardo Moura, de 24 anos. O jogador, revelado pelo Vasco, disputou o Campeonato Brasileiro de 2002 pelo Palmeiras.

Leonardo Moura será apresentado no dia 2 de janeiro, quando o restante do elenco retorna das férias e inicia a pré-temporada. O acordo entre o clube e o atleta é válido por 30 meses.

A torcida são-paulina pode aguardar por mais reforços. O presidente do São Paulo, Marcelo Portugal Gouvêa, já anunciou que vai fazer ajustes no time, reforçando principalmente as laterais e a zaga. Para isso, o presidente, a diretoria e a comissão técnica do Tricolor se reuniram no final do ano para definirem os nomes dos novos jogadores são-paulinos.

LEONARDO MOURA

Nascimento: 23/10/78

Local: Rio de Janeiro

Altura: 1,78 m

Peso: 63 quilos

Clubes que defendeu:
Linhares, Botafogo,
Tombense, Vasco e Palmeiras

"Felicidade maior que a minha não existe"
Leonardo Moura

Medalha comemorativa dos 10 anos da conquista do título Mundial Interclubes



Compre já a sua no site www.saopaulofc.net
ou www.roxosedoentes.com.br

Você gosta de marca internacional? Exportamos para mais de 25 países.

Phanton Cristal PU



Schumacher Training



Leopard ID



Schumacher Prô

Os tênis e chuteiras Penalty são produzidos com tecnologia de última geração. Não escolha no chute, a melhor marca é Penalty.


PENALTY
MARCA DE PROFISSIONAL
www.penaltysports.com



MEMORY



O futuro como você nunca imaginou.



DVD



TV FLATRON



MONITOR FLATRON



I-MOTION DUO

Todas as pessoas utilizam seus sentidos para experimentar o mundo de uma maneira única. Isto representa um desafio a ser refletido em produtos que possam tornar a vida mais rica e recompensadora. Para nós, essa é a essência da tecnologia digital. www.lge.com.br



LG

Digitally yours

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ